

BIBLIOTECA APOLOGÉTICA

DIRIGIDA PELO CONEGO AGNELO ROSSI

---

VOLUME, 2

# O CATÓLICO PERANTE A BIBLIA

FREI ADAUTO DE PALMAS, O. F. M.



EDITORA VOZES LIMITADA

Petrópolis - Rio de Janeiro - São Paulo



**O CATÓLICO PERANTE A BÍBLIA**



# BIBLIOTECA APOLOGÉTICA

Dirigida pelo Cônego Agnelo Rossi

VOLUME II

1950

EDITORA VOZES LIMITADA

PETRÓPOLIS, R. J.

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO



FREI ADAUTO DE PALMAS O. F. M.

# O Católico Perante a Bíblia

II.<sup>a</sup> Edição



1950

EDITORA VOZES LIMITADA  
PETRÓPOLIS, R. J.  
RIO DE JANEIRO      SÃO PAULO



I M P R I M A T U R  
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.  
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO  
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-  
TRÓPOLIS. FREI LAURO OSTERMANN  
O. F. M. PETRÓPOLIS, 24-5-1950.

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



## INTRODUÇÃO

Com a presente publicaçãozinha visamos retificar conceitos falsos bastante em voga entre os católicos. Queremos deslindar o erro da “bibliofobia” daqueles que temem a Bíblia qual arma de grosso calibre dos protestantes; e bem assim o erro não menos nefasto da “bibliolatria” dos que tudo fazem depender da irrestrita difusão dos Livros Sagrados, compartilhando princípios e métodos próprios dos hereges.

Para os leitores atinarem com o alcance desse pequeno tratado, inserimos de início uma narração de pena protestante, que revela o estratagema predileto dos falsos profetas para perverter os católicos incautos.

### *Exemplo típico de sedução*

(O caso que vamos trasladar é do I Capítulo do livro herético “Noites com os Romanistas”; refutação cabal deste livro cheio de sofismas e acusações gratuitas encontrarão os estudiosos em “Noites com os Metodistas” do Padre Henrique Brandão, em três tomos).

“Eu disse então que a verdadeira razão de ser proibida a leitura da Bíblia é muito diferente. Dizem que é por ser demasiadamente difícil de entender, mas eu acreditava ser em razão da sua demasiada clareza e facilidade. A linguagem da Bíblia é tão clara, falando de certas práticas da Igreja Romana, que o povo, se a lesse, abandonaria esta; e



que por esta mesma razão é que a Igreja Romana proíbe (!) a leitura das Escrituras. (...)

Disse-lhes então que nada mais faria do que ler algumas passagens das Escrituras, que eles mesmos poderiam julgar por si, se eram claras ou obscuras. Disse-lhes mais, que estas passagens me pareciam muito fáceis de entender, mas que ao mesmo tempo eram difficilimas de conciliar com os dogmas e práticas da Igreja Romana.

Em seguida li as seguintes passagens, para tornar manifesto o direito que todo homem tem de ler as Escrituras. (...)

Li-lhes depois muitas outras passagens das Escrituras sobre diversos pontos, e, ao passo que as lia, observava em seus semblantes a expressão dos sentimentos que os dominavam. (...)

Travou-se entre eles uma calorosa conversação. Todos admitiram que estas passagens são claras e inteligíveis, e, sem dúvida alguma, contrárias ao que os Padres lhes tinham ensinado, dizendo que agora viam a razão por que lhes tinham proibido (!) o uso das Sagradas Escrituras, e que dali para o futuro estavam resolvidos a lê-las, cada um por si, apesar de toda opposição. Até mesmo o jovem controversista que tinham trazido consigo se conservou por algum tempo em completo mutismo.

Quando por fim se resolveu a falar, fê-lo num tom humilde e submisso: parecia ter perdido a confiança em si mesmo, ou em razão do visível sentimento dos seus correligionários, ou pela dificuldade da sua posição. (...)

A conversação tornou-se então geral. As pessoas presentes tomaram parte nela, falando umas com as outras sobre vários pontos do assunto. Não os interrompi, *vendo que tudo contribuía para enfraquecer a confiança dos católicos romanos na sua*



*Igreja, transferindo-a para as Sagradas Escrituras. (...)*

A pequena assembléia dispersou logo, e senti-me perfeitamente tranqüilo a respeito do efeito geral da nossa conversação. Durante alguns meses que se seguiram a esta reunião, tive ensejo de conversar por muitas vezes em particular com o mancebo que tinha advogado a causa da Igreja Romana. Examinamos todos os pontos controversos, não com espírito de polêmica, mas com um interesse muito particular (!), pois que nele se ia operando uma grande mudança, e, antes de decorrido um ano, o jovem controversista abandonou a Igreja Romana”.

#### *Considerações ao caso.*

Foi preciso reproduzir este episódio, a fim de realçar a importância do mandamento do próprio Jesus Cristo: “Cuidai-vos dos falsos profetas!” Pois a sua tática é bem estudada, os tiros bem calculados; infeliz quem deles se aproximar sem “a armadura de Deus, a couraça de uma vida virtuosa, o escudo da fé, o capacete da salvação e a espada da palavra divina” (Ef 6, 10-18).

Sobraçando volumosa Bíblia, buscam os desprevenidos; com ares de alguém, despejam sobre o auditório surpreso um chuveiro de passagens bíblicas cuidadosamente arranjadas e escolhidas a dedo, basta combinem sob certos aspectos, ao menos não se excluam. Deturpam e falsificam a doutrina católica, para depois a refutar sobranceiros, com carradas de razão. Se conseguirem o mínimo, apenas “enfraquecer a confiança dos católicos romanos na sua Igreja”, dão-se por satisfeitos para o momento; e estes últimos, ainda que não abracem já o credo negativista dos protestantes, *sofrem enorme prejuízo*



*espiritual*: lançada em sua alma a semente da dúvida e incerteza da própria fé, estão prestes a cair no mais triste indiferentismo religioso.

As páginas que seguem ministram meios profílicos para os católicos se conservarem imunes do veneno sutil mas perniciosíssimo do protestantismo. Destruído e pulverizado o princípio fundamental protestante de "Só a Bíblia", o leitor julgará se não é evidentíssimo que apenas duas razões explicam satisfatoriamente a atitude inglória dos rebeldes: ignorância supina ou má fé sem igual. Isso em teoria; na prática, a psique protestante caracteriza-se por ambos: ignorância palpável da doutrina católica e ódio incontido à Mãe Igreja da qual desertaram.

*Que num adepto da Reforma harmonizem cultura, sinceridade e convicção sempre se me afigurou um contra-senso, uma coisa inconcebível — digam-no as linhas que seguem.*



## CAPÍTULO I

### A BÍBLIA NA IGREJA CATÓLICA

Em síntese, toda a revolta protestante busca hoje em dia justificar-se com a seguinte alegação: a Igreja Católica nada liga nem se atém à palavra divina dos Livros Sagrados, ao passo que os protestantes são os únicos intrépidos paladinos da Bíblia. Veremos, porém, neste *primeiro capítulo* de nossa dissertação, que na Igreja de Cristo a Bíblia goza de veneração peculiar e mantém ileso seu caráter divino; *no segundo capítulo*, pasmará o leitor ante o dolorosíssimo quadro que lhe oferece a Bíblia profanada e sujeita aos caprichos humanos pelos pseudo-reformadores. E fica evidenciado que a revolta protestante não se justifica.

#### 1. Doutrina católica acerca da Bíblia.

Manifestou Deus aos homens as verdades eternas, traçando-lhes o caminho da salvação; as verdades reveladas transmitiram-se de geração em geração até os tempos atuais. Nisso incontestavelmente desempenha papel importantíssimo a Bíblia Sagrada que encerra a palavra divina. Vamos procurar *definir exatamente o lugar que ocupa a Bíblia* como fonte da Revelação.



### *A Revelação divina transmitida até nós.*

Exaramos um ligeiro esboço histórico de como se perpetuou a Revelação sobrenatural, comunicando Deus as verdades e transmitindo-as os depositários delas e seus sucessores às gerações seguintes. A Revelação divina efetuou-se em fases progressivas: a revelação *primitiva* é enriquecida pela *judaica*, e esta completada pela *cristã*.

Já ao primeiro homem revelou Deus as verdades fundamentais da religião e moral e o destino dos homens à participação da vida divina, que se efetua mediante o Deus humanado, primeira e última razão do Universo (Col 1, 15 ss). Intervindo o pecado de insubmissão ao Criador, não ficaram frustrados os planos divinos: o mesmo Deus humanado será o Redentor e Reconciliador da humanidade decaída (Gn 3, 15, Ef 1, 7-10). Durante milhares de anos, perpetuando a fé no Messias vindouro (Heb 11, 1-22), transmitiram os *Patriarcas* a viva voz aos seus descendentes esta Revelação primitiva; tornando-se ela, no decorrer dos milênios, sempre mais obscura e imprecisa, alastrava-se a idolatria e a corrupção geral.

Por volta de 2.000 anos antes de Cristo, teve início a Revelação judaica, feita aos Patriarcas de Israel e mais tarde aos seus descendentes por intermédio de *Moisés e dos Profetas* (Heb 11, 8-40); assenta na lei escrita, resumida no Decálogo, e conserva pura a crença em Deus pessoal que é o Rei e Senhor Supremo do Universo e particularmente do Povo Eleito, portador das promessas messiânicas. Com a legislação escrita do Sinai, continuou em vigor a autoridade paterna em transmitir os ensinamentos revelados (Dt 4, 9-10; 11, 19; 32, 7); aos sacerdotes e levitas competia guardar e explicar a



lei (Dt 31, 24-26; Lv 10, 11; 2 Par 17, 8-9; Ne 8, 7-8) e a insubordinação à sentença por eles proferida acarretava pena de morte (Dt 17, 9-13). Compunham magistério autêntico para interpretar a lei; mas, dada a finalidade temporária da "lei do temor" do Antigo Testamento, não era magistério perene nem infalível: a tradição judaica, mormente pelas escolas dos saduceus, fariseus e doutores da lei, distanciando-se continuamente da Revelação, desfigurou o sentido espiritual e universal do Reino Messiânico. Cristo aboliu-a em razão de representar tradições meramente humanas (Mt 15; Mc 7). Como a Revelação primitiva, prestes a extinguir-se, obteve continuidade na Revelação judaica, assim esta, em franco desmoronamento, reclamava providência urgente para se salvar de colapso total: a Revelação cristã da "lei do amor" absorveu dela os valores perenes, invalidando as disposições transitórias, predisponentes para a vinda do Salvador.

Com o início da era cristã temos assim a Revelação total, a de Deus humanado, Messias prometido, feita aos Apóstolos por Ele em pessoa e pelo Espírito Santo que enviou, e terminada definitivamente com a morte dos mesmos Apóstolos pelo fim do século I. Daí até hoje vela pela guarda e pureza da Revelação uma entidade misteriosa, organizada e maravilhosamente orgânica, que sustenta ser (e é na realidade, como veremos) depositária legal e infalível de todas as verdades reveladas: a Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana. — Testificam a Revelação cristã *documentos pagãos e judeus*: Tácito, Flávio José, Suetônio, Plínio Segundo, e o Talmude; *documentos cristãos*: Didaqué dos Apóstolos, Epístola de Barnabé, Epístola de Clemente Romano, as sete Epístolas de Santo Inácio; do-



*cumentos sagrados*: os 27 livros que compõem o Novo Testamento, principalmente os quatro Evangelhos.

Recapitulando: o Caminho da Salvação, manifestado e prescrito por Deus ao gênero humano, foi revelado exclusivamente aos Patriarcas (desde Adão até Abraão), ao povo de Israel e à Cristandade; disso são testemunhas atuais o povo judeu, a Igreja Católica e os Livros Sacros legados por ambos.

O que nos interessa na atualidade é sabermos com precisão e sem margem a dúvida onde se acha o conteúdo da Revelação total, ou qual é a fonte de nossa santa Fé Cristã. Será mesmo a Bíblia tão somente?

#### *A fonte total da Fé: Tradição divina.*

O processo normal da recepção e consequente transmissão das comunicações divinas é acomodado à natureza humana. Os órgãos receptores da Revelação (Patriarcas, Profetas, Apóstolos) eram no princípio os únicos depositários das verdades reveladas, incumbidos de transmiti-las qual fideicomisso sagrado aos seus sucessores e herdeiros da Revelação; estes constituíam legítimos fideicomissários, encarregados de legar a Tradição dos antepassados às gerações seguintes, pois a palavra divina dirige-se a todo o gênero humano. Ora, a transmissão a viva voz sempre antecedeu à escrita, e esta só no seu legatário tem o intérprete autêntico.

Sirva-nos de ilustração a Igreja primitiva, que os próprios protestantes reconhecem por verdadeira portadora das mensagens divinas.

Os Apóstolos, testemunhas oculares e auriculares da Redenção, enviados a continuar a obra do Salvador por meio da pregação (Mt 28, 19 s. At 6, 2-4;



1 Cor 1, 17), tinham à mão a *Tradição simplesmente divina* colhida da boca do Divino Mestre e obtida ainda por meio de revelação especial do Espírito Santo (Jo 14, 24-26. At 2). Desta Tradição (ou: legado, fideicomisso, patrimônio, herança, depósito da Fé), nem consignada por escrito nem codificada sistematicamente, extraíam os ensinamentos da salvação: morte, ressurreição e divindade do Messias (1 Cor 1, 23; 2, 1 ss; 15, 1 ss) e imitação de Cristo (1 Cor 11, 1; 2 Cor 8, 9; Filip 2, 5 s). Exemplo clássico da pregação primitiva nos proporciona a prédica de São Pedro ao povo, como lemos em At 3, 12-26. Os sucessores dos Apóstolos, os Bispos, tinham ao seu dispor a *Tradição divino-apostólica*, e os Bispos sucessivos a *Tradição divino-eclesiástica*, que perdura até hoje: é fato historicamente comprovado que nos primeiros quatro ou cinco séculos as verdades reveladas se transmitiram por via de regra a viva voz, servindo de critério seguro de ortodoxia a doutrina universalmente aceita e ensinada pelos legítimos sucessores dos Apóstolos em consonância com a doutrina do Bispo de Roma.

E' lógico, pois, que a fonte da Revelação em síntese é uma só: a *Tradição divina* que, em vista do sobredito podemos definir como segue: *a suma das doutrinas e prescrições, transmitidas aos Apóstolos por Jesus Cristo ou por especial revelação do Espírito Santo, e conservadas ininterruptamente na Igreja mediante assistência particular divina, quer estejam, ou não, consignadas nos Livros inspirados, quer sejam claramente definidas pela Igreja ou comprovadas pelo concenso geral, quer enfim existam latentes como em germe na subconsciência, por assim dizer, da coletividade cristã.* — As páginas que seguem esclarecê-lo-ão.



A coletividade cristã (isto é, a Igreja universal: a docente que ensina e a discente que aprende) constitui um organismo vivo animado da própria vida divina, e por isso a sua essência íntima transcende a órbita de investigação especulativa da razão natural; não pode errar em matéria de Fé e Moral, pois goza de assistência especial do Espírito Santo (Jo 14, 16) e do próprio Cristo Deus (Mt 28, 20), por fim de contas é o Cristo perpetuado pelos séculos (Ef 1, 23; 4, 15-16).

Dissemos acima *Tradição divina*, porque sua origem e sobrevivência aos séculos se deve a direta interferência de Deus e por isso é imutável; a outra, a *Tradição cristã humana e mutável* (cf. 1 Cor 7, 12), preceitos e instituições de origem meramente apostólica ou eclesiástica, não constitui fonte da Fé, embora não se negue sua importância para a disciplina, culto, liturgia e jurisprudentia eclesiástica, razão por que não deve ser rompida senão por motivos imperiosos, conforme as necessidades de cada época.

Da história do cristianismo primitivo, que na essência não é nem pode ser outro que o de nossos dias, se colige que a Bíblia não é fonte absolutamente necessária da Revelação: nos primeiros séculos da Igreja nascente ainda não existiam os livros do Novo Testamento, no século I a sua divulgação era de per si nula, nos séculos II e III eram destruídos sistematicamente pelos perseguidores dos cristãos, e sua tradução para o latim (língua do povo rural na Itália, Sul das Gálias, Norte da África) e outras línguas efetuou-se lentamente e por partes; só nos séculos IV e V ficou estabelecido o Cânone das Escrituras, uniformizado e depurado das interpolações o texto sagrado (cf. *Revista Eclesiástica Brasileira*, 1942, p. 298), enfim divulgada a Bíblia completa (primeiro em grego, muito mais tarde em la-



tim) de preço exorbitante, como o foi por séculos além até à invenção da imprensa. Pobres fiéis daquelas eras, se as Escrituras fossem a única fonte da Fé!

Toda a Bíblia nada mais é do que parte da Tradição consignada em escrito sob inspiração do Divino Espírito; nem exhibe a totalidade das verdades reveladas, nem interpreta a si mesma. Todavia, quanto mais nos distanciamos dos tempos apostólicos, maior valor extrínseco adquire como documento autêntico mais antigo da Revelação.

#### *As duas fontes parciais da Fé: Bíblia e Tradição.*

Analizando, somos forçados a assinalar duas fontes da Fé: a *Bíblia* e a *Tradição extrabíblica*; esta, transmitida vocalmente (v. At 9, 6), foi no decurso dos tempos lavrada em escrito, por exemplo na antiguidade os belíssimos tratados dos Santos Padres. O consenso moralmente unânime dos Santos Padres é o eco da crença universal de então, como hoje o consenso unânime dos teólogos; rejeitá-los equivale a negar a indefectibilidade que Jesus Cristo prometeu à sua Igreja.

A Tradição extrabíblica vem confirmada nas próprias Escrituras, nos escritos da Igreja primitiva e nos documentos da Tradição eclesiástica até ao dia presente. Vejamos.

“Assim, pois, Irmãos, estai firmes e guardai as tradições que recebestes *seja por nossa pregação seja por nossa carta*” (2 Tess 2, 15). — São Paulo atesta que o ensino tradicional emana da doutrinação tanto vocal como escrita.

“A forma das doutrinas salutares *que de mim ouviste*, conserva-a na fé e no amor em Cristo Jesus. Guarda o bom depósito por meio do Espírito



Santo que habita em nós” (2 Tim 1, 13-14; v. 1 Tim 6, 20). “O que ouviste de mim diante de muitas testemunhas, confia-o a homens fiéis, que sejam capazes de por sua parte *instruir* a outros” (2 Tim 2, 2; v. 3, 14; Rom 16, 17). — O depósito da Fé transmite-se aos posteriores por meio da pregação, bem como foi recebido por comunicação oral. “Porquanto recebi do Senhor, o que também transmiti a vós...” (1 Cor 11, 23; v. Lc 1, 2; At 20, 35; Rom 10, 14 s; 2 Cor 11, 4; Heb 2, 3; Tgo 1, 22).

“Eu vos louvo, Irmãos, porque em tudo vos lembrais de mim e observais os meus ensinamentos (“paradóseis”, isto é, tradições) bem como vos *transmiti*” (1 Cor 11, 2). — Os termos correlativos de “comunicar-receber” o ensino oral ocorrem a cada passo: 1 Cor 15, 1 ss; 2 Tess 3, 6; Filip 4, 9; Rom 6, 17; Col 2, 6; 2 Ped 2, 21; etc.

“Admiro-me de que tão depressa passeis d’Aquele que vos chamou à graça de Cristo, para outro evangelho... Mas, ainda que nós ou um Anjo do céu vos anunciássemos outro evangelho *do que vos temos pregado*, esse tal seja maldito (anátema)” (Gál 1, 6-8). — Para reconduzir os gálatas à fé verdadeira, estabelece São Paulo por norma absoluta da Fé a sua pregação oral da Boa Nova (Cf. 1 Cor 9, 14 ss; 2 Tim 4, 2 ss).

São João Evangelista, o último dos hagiógrafos, não se refere aos escritos destes, antes indica a tradição como regra da Fé: “O que *ouvistes* desde o princípio permaneça em vós. Se permanecer em vós o que desde o princípio *ouvistes*, permanecereis também vós no Filho e no Pai” (1 Jo 2, 24). Antepõe ao escrito o ensino oral: “Apesar de ter ainda muito que vos escrever, não o quero fazer por papel e tinta; espero visitar-vos e *tratar convosco boca a boca*” (2 Jo 12; v. Jo 21, 25).



Cristo delegou o seu ministério da *pregação* (Mt 4, 23) nos Apóstolos, sancionando *as palavras* destes com a pena da condenação eterna (Mc 16, 15-16); como testemunhas de Cristo (At 1, 8, 22), os Apóstolos consideravam o “serviço ou ministério da *palavra*” por sua missão principalíssima (At 6, 4; 1 Cor 1, 17), pois a Fé nasce da *audição* (Rom 10, 14-17). E’ impossível enumerar as passagens comprobatórias da Tradição; todas as páginas da Bíblia, ao menos indiretamente, a testificam. As viagens apostólicas de São Paulo narradas nos Atos dos Apóstolos deveriam já convencer os mais obstinados.

Afora da Bíblia testemunham a Tradição os antigos símbolos da Fé, principalmente o conhecido Símbolo dos Apóstolos (o Creio em Deus Padre), Didaqué, Carta de Barnabé, Pápias, Inácio, Ireneu, Hipólito, Tertuliano, Epifânio e outros. — Ireneu e Tertuliano desenvolvem este pensamento: A sucessão ininterrupta dos Bispos desde os Apóstolos é garantia segura da doutrina genuinamente apostólica; os *hereses vêm todos demasiadamente tarde*: das mãos da Igreja devem receber as Escrituras, não podendo prescindir da autoridade do Magistério e Tradição da mesma.

Diversos Concílios aludem à Tradição extrabíblica; definição explícita fornecem o Concílio de Nicéia (325), o Concílio de Trento (1545-1563) e o Concílio do Vaticano (1869-1870).

Quanto à sua *autenticidade, âmbito* (cânone), *inspiração e interpretação*, a Bíblia depende da Tradição, ou seja do Magistério legítimo que Cristo instituiu; o desmembramento do protestantismo em milhares de seitas, divergentes umas das outras em matéria de Fé e Moral, corrobora evidentemente as exigências da razão e do bom-senso.



### *Insuficiência da Bíblia e Tradição para norma suprema da Fé.*

Ainda existem mais razões que impedem de proclamar a Bíblia norma última da Fé. A última (ou seja: suprema, imediata, próxima, absoluta) norma da Fé deve ser acessível a todos. Ora, tomando-se as Escrituras por norma próxima da Fé para o fiel cristão, este deverá: 1) *saber ler*: se outrem lhe lê, presta fé humana à sinceridade do leitor; 2) *conhecer a fundo* hebraico, caldaico, aramaico, grego e latim, para pessoalmente averiguar nos antigos manuscritos a fidelidade da versão: se confia na honestidade e competência do tradutor, sua fé baseia-se em motivos naturais; 3) *ter formação científica* para estabelecer a integridade e genuinidade das Escrituras mil vezes trasladadas no decorrer dos séculos: se confia nos reduzidos dados da ciência crítica, é fé humana; 4) *ter curso completo de exegese* para deduzir das passagens o sentido literal, espiritual e típico, e para distinguir entre prescrições transitórias (o célebre “Não farás imagens”) e leis irrevogáveis: se recorre às interpretações de exegetas abalizados, presta fé a homens falíveis... E apesar de tudo isso, *quem possa afiançar a inspiração divina dos Livros*, não há para os coitados que abandonaram a Mãe Igreja. — Quem na casa da mãe não atura, na da madrasta não espere ventura”.

Felizes nós católicos que com muito menos alcançamos muitíssimo mais; com humilde submissão ao Magistério instituído por Cristo conseguimos salvaguardar nossa fé divina nas Escrituras, proclamando alto e bom som juntamente com o grande Santo Agostinho: “Jamais creria eu no Evangelho, se me a isso não induzisse a autoridade da Igreja



Católica". Desse trecho deduz o Bem-aventurado João Duns Escoto, O. F. M., a necessária precedência da fé na Igreja: "Não se há de ter fé nos Sagrados Livros canônicos, a não ser que primeiro se creia na Igreja que aprova e autoriza os mesmos Livros e seu conteúdo" (*Oxon. III.*, d. 23, n. 4).

Nem a universa Tradição divina sequer constitui norma próxima da Fé. Nos seus múltiplos documentos ela é ainda mais inacessível à maioria dos cristãos; nem mesmo o teólogo de profissão a pode esgotar plenamente; o seu conteúdo está igualmente sujeito à falsa interpretação, haja vista o origenismo e um augustinismo malsão (não o augustinismo sadio da Escola Franciscana); os documentos da tradição extrabíblica não são inspirados, mas seu valor pressupõe a infalibilidade da Igreja; existem além disso tradições falsificadas (como há Bíblias truncadas), por exemplo as do gnosticismo e do quilianismo: desmascará-las a tempo efetuou o Magistério eclesiástico, antecipando-se à posterior crítica científica. Enfim a ciência crítica só pode fornecer certeza humana; porque haja motivos de fé, requer-se uma instância doutrinária de origem divina, autorizada e capaz de interpretar a letra morta.

Jesus Cristo no-la deu, instituindo um Magistério perene que funciona em seu nome e cujo ensino vivo, em acordo com a Igreja primitiva, é a norma imediata e próxima (ou *diretiva*) da Fé; a Tradição divina (isto é, Bíblia e Tradição extrabíblica), como fonte de revelação, só pode constituir norma remota da Fé, podendo ser *constitutiva* (Revelação) ou *declarativa* (dogma), como se colige da definição que demos supra.

Trataremos a seguir, pois, da norma suprema da Fé; única viável: o ensino vivo do Magistério legal, que no caso deve forçosamente ser infalível em ma-



téria de Moral e Fé, pois a ele está confiado o íntegro depósito das verdades reveladas, inclusive as próprias Escrituras Sagradas.

## 2. A Bíblia é patrimônio da Igreja Católica

Que o Salvador, em vista da natureza social do homem, fundou a sua Igreja visível como sociedade perfeita com o governo jerárquico, presidido por São Pedro (Mt 16, 18 ss; Lc 22, 32; Jo 21, 15 ss) e investido dos poderes legislativo, judicial e executivo, iria longe demonstrá-lo aqui e deve reservar-se para outro número desta Biblioteca Apologética. *A posteriori* é fácil deduzir sua procedência divina: fosse ela falsa, e estaria malograda toda a obra da Redenção e abalada a fé no próprio Deus; como poderia a Suma Verdade consentir no triunfo incessante do erro, e a Suma Bondade permitir em tão gigantescas proporções iludirem-se e perderem-se os homens resgatados pelo Sangue de seu Filho? Teremos oportunidade de verificar ao través da História que apostatar da Igreja é o primeiro passo para o mais cético ateísmo.

Para o fim que visamos basta demonstrar *a existência de um Magistério vivo*, autorizado para apontar aos homens em nome de Deus o único caminho da salvação, formando por isso mesmo a garantia segura da veracidade de nossa Santa Fé.

*O Magistério legal é norma suprema da Fé.*

Se, para legitimar o direito da Igreja à guarda e posse da Revelação, é concludente o argumento de prescrição invocado já por Tertuliano, não o é menos para legitimar a interpretação e comunicação das verdades reveladas efetuada pela mesma Igreja.



ja desde o berço. Roubar-lhe a ela estes sagrados direitos — é o termo que aqui tem cabimento — foi sempre a conduta injustificável dos hereges. Mas é outra vez a própria Bíblia que atribui à Igreja tais direitos e deveres inerentes ao múnus apostólico.

Ainda em vida Jesus Cristo *escolheu cooperadores*, entre eles destacando-se os doze Apóstolos, que de modo particular foram iniciados nos mistérios da Revelação (Lc 8, 1; Mt 10, 5 ss; Jo 15, 15; Mc 4, 11; Jo 13, 12 ss), e encarregou-os de pregar em seu nome: “Vinde — disse Jesus a Pedro e André — após mim, e farei com que vos torneis pescadores de homens” (Mt 4, 19). “Subiu então Jesus a um monte e chamou para junto de si os que ele quis; e estes vieram. Determinou que doze ficassem com Ele, para enviá-los também a pregar” (Mc 3, 13-14; v. Lc. 6, 12; 10, 1 ss). “E Jesus enviou-os (os doze Apóstolos) a pregar o Reino de Deus” (Lc 9, 2).

Já então os Apóstolos doutrinam *em nome e autoridade do Mestre*, conforme patenteia o teor das palavras que Jesus lhes dirigiu: “Quem vos receber, a mim é que recebe; e quem recebe a mim, recebe Aquele que me enviou” (Mt 10, 40). “Quem vos ouvir, ouve a mim, e quem vos rejeitar, rejeita a mim; quem rejeita, porém, a mim, rejeita Aquele que me enviou” (Lc 10, 16; cf. Jo 20, 21: “Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio a vós).

“Sois meus amigos, se fizerdes o que vos ordeno. Já vos não chamarei servos, pois o servo não sabe o que faz seu senhor. Chamei-vos Amigos, porque a vós revelei tudo quanto ouvi de meu Pai. *Não fostes vós que me escolhestes, mas eu vos escolhi a vós e vos constituí no cargo*, para que vades e deis fruto, e o vosso fruto seja duradouro” (Assim falou Jesus aos Apóstolos na tocante intimidade da Última Ceia, Jo 15, 14-16). — Els também nesta pas-



sagem uma condenação formal da Reforma: não pode o homem arrogar-se o ministério da palavra, mas é Deus quem escolhe e envia os seus ministros (v. Rom 10, 14-17), atualmente por intermédio de seu mandatário, a sua Igreja. Só quem estiver legalmente autorizado e incumbido da pregação sente o alcance da frase de S. Paulo, tão usurpada pelos hereges: "Ai de mim, se eu não pregar o Evangelho!" (1 Cor 9, 16; "é-me imposta esta obrigação", diz logo antes o mesmo São Paulo).

Por fim, antes de voltar aos céus, Jesus Cristo confirmou solenemente o Magistério concedido a seu Apóstolos: "Recebereis a força do Espírito Santo que descera sobre vós, e sereis as minhas testemunhas em Jerusalém e em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra" (At 1, 8). "Foi-me dado a mim todo o poder no céu e na terra. Por isso *ide e instruí* (formai discípulos) a todos os povos, batizando-os em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo, e *ensinando-os* a observar tudo o que vos tenho mandado: eis que estou convosco todos os dias até o fim do mundo" (Mt 28, 18-20; v. Mc 16, 15-16).

Nestes dois tópicos está demarcado também o âmbito do Magistério eclesiástico; abrange todos os homens (Lc 24, 47-49), todos os tempos (1 Ped 1, 25), toda a Revelação (2 Cor 10, 6), independente de toda autoridade temporal (At 4, 19-20; 5, 29 ss).

Competem, pois, ao Magistério autêntico da Igreja: o ensino da verdade (com direito a manter escolas, seminários e universidades próprias); a defesa da fé (intolerância em face do erro, censuras e penalidades, *index* dos livros proibidos, *Sílabo*); a definição dogmática (decisão irrecorrível em face de heresias nascentes); enfim a interpretação autêntica



das verdades reveladas, contidas na Bíblia e nos documentos da Tradição.

Desincumbir-se deste encargo sobre-humano, o Magistério eclesiástico só pode mediante *especial assistência divina* que o torne infalível ao pronunciar-se sobre assuntos atinentes à Fé e Moral. Já que, segundo testemunhos bíblicos, os Bispos individualmente podem errar (1 Tim 3, 6; 4, 7-13; 2 Tim 2, 23; Tito 1, 9; 1 Cor 3, 5 s; 1 Jo 2, 18 ss), ao menos na sua totalidade, sob a presidência do Representante de Cristo, deverão estar munidos de infalibilidade. Negá-lo seria imputar imprevidência a Deus.

Vejamos as provas da infalibilidade do Magistério da Igreja no desempenho das suas funções; não se trata propriamente da infalibilidade papal claramente indicada nas Escrituras. (Mt 16, 18-19; Lc 22, 31-32; Jo 21, 15-17).

#### *O Magistério eclesiástico é infalível.*

Instituindo o Magistério autêntico, Jesus conferiu a infalibilidade aos Apóstolos individualmente (eles pregam na qualidade de mestres infalíveis, cf. Atos dos Apóstolos, Epístolas), e aos seus sucessores, o Episcopado na sua totalidade. São muitíssimas as razões que o provam sobejamente.

a) O ensino do Magistério da Igreja tem sua *aprovação nos Céus*, segundo o testemunho divino de Jesus, aludindo ao governo jerárquico de sua Igreja: “Se teu irmão não os ouvir (as duas ou três testemunhas), dize-o à Igreja; se, porém, não ouvir a Igreja, tem-no em conta de gentio e publicano. Em verdade, vos digo: tudo o que ligardes na terra, será ligado também no Céu, e tudo o que desligardes na terra, será também desligado no Céu” (Mt 18, 17-18; no uso de então, como prova o Talmude, sig-



nificavam os termos: "ligar" — afirmar, permitir; "desligar" — negar, proibir).

b) O poder doutrinal da Igreja emana *de missão diretamente divina*, dada pessoalmente por Cristo ressuscitado, Soberano de plenos poderes no céu e na terra: "Foi-me dado todo o poder no céu e na terra. Em virtude disso, ide e instruí todos os povos..." (Mt 28, 19).

c) A missão da Igreja é *idêntica à missão do Divino Mestre*: "Pai Santo, guarda os que me deste... Confiei-lhes a tua palavra... Como tu me envias-te ao mundo, assim também eu os envie ao mundo" (Jo 17, 11. 14, 18). Esta foi a prece de Cristo Sumo Sacerdote a favor de seus Apóstolos (V. Mt 10, 10. Mc 3, 13. Lc 10, 16. Jo 13, 20; 20, 21).

d) O ensino da Igreja é sancionado por Jesus *sob pena da condenação eterna*: "Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado" (Mc 16, 15-16; v. Mt 10, 15. Jo 3, 33-36. Gál 1, 8. 2 Tess 1, 8-9).

e) Na suposição de poder errar a Igreja em matéria de Fé e Moral, invalida-se a predição divina, positiva e categórica, de *sua existência perene*, como consta das palavras com que o Salvador designou a São Pedro para chefe supremo e infalível: "E eu te digo: Tu és Pedro (pedra, rochedo), e sobre esta pedra (rochedo) edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E a ti darei as chaves do Reino dos Céus. E tudo o que ligares sobre a terra, será ligado também nos Céus, e tudo o que desligares sobre a terra será desligado também nos Céus" (Mt 16, 18-20; v. Heb 11, 1. Lc 1, 32-33).



f) A Igreja goza de assistência perpétua de seu divino Fundador (Mt 28, 20), é seu "*Corpo Místico*", *Corpo vivo e orgânico, numa união real de todos os membros com Cristo*: "Tudo Deus Lhe (a Jesus) sujeitou sob os pés, e constituiu-O Cabeça de toda a Igreja, a qual é seu Corpo, repleto por Ele que realiza tudo em todas as coisas" (Ef 1, 22-23; v. Jo 15, 1-8. Rom 12, 5; 1 Cor 12, 27). E o Magistério universal de tal Igreja divina e divinizada pode acaso errar? — A expressão que usamos ferirá o ouvido dos críticos mundanos; todavia a Igreja é realmente a projeção de Deus no espaço e no tempo. Já neste mundo, começa a realizar-se pela graça o nosso destino, a participação da vida divina, e desde Cristo efetua-se de modo latente (como o fermento leveda a massa, Mt 13, 33) a absorção do Universo no mundo sobrenatural a se rematar na glória, na consumação dos séculos.

g) A Igreja goza de especial e perene *assistência do Divino Espírito Santo*: "E eu rogarei ao Pai, e Ele dar-vos-á um outro Paráclito (advogado, defensor, assistente, consolador) para ficar eternamente convosco, o Espírito da verdade..." (Jo 14, 16 ss. 26; 16, 13-15; v. At 1, 8; 2, 33; 15, 28).

h) A Igreja de Cristo é o *reino da verdade*: "Para saberes como deves proceder na Casa de Deus; ela é a Igreja de Deus vivo, a coluna e sustentáculo da verdade" (1 Tim 3, 15; v. Ef 4, 11-14; Heb 11, 1 ss). — Sê-lo-ia também, se o Magistério legal fosse falível?

i) A infalibilidade da pregação apostólica foi *comprovada por milagres*: E eles (os Apóstolos) partiram e pregaram em toda parte, e o Senhor cooperava com eles e confirmava a sua pregação pelos



prodígios que a seguiam" (Mc 16, 20; v. At 2, 43; 3, 1 ss; 5, 12 ss; 9, 32 ss; 2 Cor 12, 12. Heb 2, 3 s).

j) Os Apóstolos *atribuem a si* o dom ou carisma da infalibilidade: "Como já vo-lo dissemos, repito-o mais uma vez: Se alguém vos pregar outro evangelho do que recebestes, seja amaldiçoado (anátema)" (Gál 1, 9; v. 2 Cor 10, 5-6; 1 Jo 4, 1 ss; At 15, 28).

k) Em razão disso *exigem em absoluto* a obediência à Fé, à pregação da Boa Mensagem (Rom 1, 5; 2 Cor 10, 4-6; 2 Jo 1, 10), excomungando os apóstatas e trãsufugas (1 Tim 1, 19; v. 2 Ped 2, 17-22).

l) Que a Igreja sempre esteve cônica de possuir o Magistério infalível, atesta o *mesmo exercício de tal Magistério* nos Concílios Ecumênicos, já na era antiga, dos quais não existe apelação para instância superior. Exerce a Igreja a sua missão divina, não obstante as contínuas incriminações por parte das correntes reacionárias e liberalistas de todos os séculos, que lhe malsinam o que a sublima em esferas supratereestres: a firme intransigência em face do erro.

Perguntamos agora com franqueza: Será possível que haja pessoa em função normal das faculdades mentais, que não se curve ao peso de umas dez provas assim irrefragáveis? Há. E' que a graça da fé supõe a boa vontade, reta, sincera, dócil e submissa. O Magistério da Igreja é essencialmente *poder de jurisdição*: prescreve à vontade humana o assentimento às verdades afiançadas pelo próprio Jesus Cristo e pelo Espírito Santo.

Pela abonação e garantia divina do Magistério autêntico e infalível, tem o católico ressalvada a fé divina nas Santas Escrituras; afiançadas e in-



terpretadas pela autoridade legítima e inerente, elas conduzem à plenitude da verdade.

Dada a improcedência da regra protestante de "Só a Bíblia", as próprias Escrituras no seu conjunto nos prescrevem "Só a Igreja": esta, autorizada a nos transmitir a figura genuína do *Cristo histórico*, a nos incorporar no *Cristo místico*, a nos administrar o *Cristo eucarístico*, é realmente mediadora visível para Cristo na terra, bem como no céu a Virgem Santíssima é nossa Medianeira invisível para seu Filho Divino; e Jesus Cristo, Deus-Homem, o único Mediador entre Deus e o gênero humano.

"Não pode ter a Deus por Pai, quem não tem a Igreja por Mãe" — Mãe e Mestra da humanidade resgatada.

Tampouco tem Cristo por Irmão, que recusa ser Filho de Maria — Mãe Espiritual da humanidade reconciliada com Deus.

Dispensam os protestantes a proteção carinhosa de ambas; verem abaixo em que abismo foram parar.

*Só a Igreja possui a Bíblia genuína.*

A Sagrada Escritura contém a palavra de Deus, porque é inspirada pelo Espírito Santo (2 Tím 3, 16-17; 2 Ped 1, 21), e em razão disso recebe a autoridade ratificada ou confirmada autenticamente de viva voz, recebe-a do legítimo legatário, a Santa Igreja, *que afiança a inspiração divina dos Livros Sacros*, quando em conformidade com a Tradição os aceita por canônicos, a saber, integrantes do Sagrado Cânone (ou Coleção). Em nenhuma parte a Bíblia mesma define seu âmbito; para isso deve ser competente seu legítimo legatário.

A Bíblia, portanto, são os livros escritos sob inspiração divina e como tais reconhecidos pela Igreja.



Compõe-se de 72 livros, dos quais 45 exarados antes do nascimento de Jesus Cristo, e 27 depois; aqueles pertencem ao Antigo Testamento, e estes últimos ao Novo Testamento.

Os livros do *Antigo Testamento* são: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio, Josué, Juizes, Rute, Reis I, Reis II, Reis III, Reis IV, Paralipômenos I, Paralipômenos II, Esdras, Neemias, Tobias, Judite, Ester, Job, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cânticos, Sabedoria, Eclesiástico, Isaías, Jeremias e suas Lamentações, Baruc, Ezequiel, Daniel, Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jônas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias, Macabeus I, Macabeus II.

Os livros do *Novo Testamento* são os seguintes: Evangelho de São Mateus, São Marcos, São Lucas, São João, Atos dos Apóstolos, Epístola aos Romanos, Coríntios I, Coríntios II, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, Tessalonicenses I, Tessalonicenses II, Timóteo I, Timóteo II, Tito, Filêmon, Hebreus, Epístola de São Tiago, São Pedro I, São Pedro II, São João I, São João II, São João III, São Judas Tadeu, Apocalipse.

Inspirados pelo Espírito Santo, todos estes livros e exclusivamente eles formam o Cânone Sagrado, ou coleção completa das escrituras que contêm a palavra de Deus. Quem no-lo assegura com certeza positiva é o Magistério, como vimos, *autêntico e infalível* da Igreja. Bem poderia, pois, a Igreja existir sem a Bíblia inspirada; porém jamais pode haver Livros inspirados que mereçam fé, sem a Igreja que os reconheça como tais.

*Arbitrariamente os hereges mutilaram a Bíblia:* excluem dela Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc, Macabeus I e II, e partes de Ester e Daniel. A tradição cristã divina preferem seguir a tradição



humana dos judeus, que só no século III do cristianismo resolveram rejeitar terminantemente esses escritos sagrados (chamados deuterocanônicos). Ainda bem que os atuais adeptos da Reforma recusem aceitar os ensinamentos de seu Pai e Fundador Lutero que rejeitou, como “epístola de palha”, a carta de São Tiago e tratava com desdém os demais livros deuterocanônicos do Novo Testamento: Hebreus, Pedro II, João II e III, Judas Tadeu, e o Apocalipse.

Mesmo para os próprios protestantes a Bíblia deles em vernáculo é destituída de valor objetivo como fonte divina da Fé; porquanto toda versão do bastas vezes obscuro texto inspirado, afinal de contas, é realmente interpretação do mesmo texto imposta aos leitores, o que não quadra com o falso princípio protestante que estabelece por norma da Fé a interpretação individual.

E’ nas mãos dos católicos que está a Bíblia genuína; sua integridade, origem divina e caráter sagrado são abonados seguramente por autoridade infalível.

#### *A Bíblia é propriedade da Igreja Apostólica.*

Intitulem-se muito embora as seitas de Evangélica, Episcopal, Presbiteriana, Pentecostal, a História testemunha sem contestação que Apostólica é só a Igreja Católica: ela herdou imediatamente dos Apóstolos o depósito íntegro da Fé.

Antes da vinda do Messias, os Livros Sagrados estavam entregues à guarda do Magistério religioso dos judeus, ultimamente representado pela Sinagoga, juntamente com o Povo Eleito portadora legítima das promessas messiânicas. Na lei nova do cristianismo, a Igreja instituída por Deus substituiu legalmente a Sinagoga recalcitrante, que “não com-



preendeu o tempo da sua visitação”: o Messias veio ao que era seu, mas os seus não O receberam (Jo 1, 11). Entrou assim a Igreja *na posse de todos os tesouros da salvação*, como suprema árbitra em matéria de Fé e Moral, para todos os tempos e para todos os povos. Entre estes tesouros ocupa lugar proeminente a Bíblia Sagrada, que é, portanto, propriedade da Igreja Católica, a qual vela por sua guarda em nome de Deus.

Que crime monstruoso os reformadores apossarem-se indêbitamente da Bíblia! Não admira que o Livro de bênção e confraternização dos povos, nas mãos da sociedade *ilegal e acéfala* se tornasse causa de maldição e origem de dissensões de tão funestas consequências sociais. — Disso seguirá explanação mais larga no segundo capítulo.

O Dr. Canuto Carlos Krogh-Tonning, sábio Professor da universidade de Cristiânia e ministro protestante, escreveu com muita razão, quatro anos antes de sua conversão: “E’ impossível assentar com segurança todas as esperanças da salvação, seja no texto seja na tradução da Bíblia, sem reconhecer uma autoridade segura, infalível portanto, que esteja no caso de garantir tanto a integridade do texto, como a fidelidade da tradução” (V. *Opúsculos Católicos*, Baía, p. 9). Essa autoridade, exigência da razão e do bom senso, o Salvador no-la deu, fundando sua invencível Igreja.

Jesus Cristo, Deus humanado, é a *idéia central da Criação*, do Universo; outro tanto na Igreja, Cristo eucarístico, Deus sacramentado, é o centro a que tudo converge. Também na Bíblia, todo conteúdo tende para o centro de gravitação, o *Messias*, Deus revelado nas profecias e na aparição em forma humana: no Antigo Testamento é o Salvador prome-



tido e esperado, em o Novo Testamento é o Salvador encarnado nas puríssimas entranhas da Virgem Maria Corredentora.

A missão divina da Igreja é perpetuar a obra salvadora de Jesus, aplicando aos fiéis as graças alcançadas pelos merecimentos do Salvador, e a nós comunicadas pelas mãos de Maria Santíssima; ou, em termos mais concretos, fazendo os fiéis conhecer e amar a Jesus, único Mediador entre a humanidade e Deus.

Vejamos, pois, de que modo a Igreja docente (o seu Governo) e a Igreja discente (os fiéis em geral) adquirem nas Santas Escrituras o conhecimento de Jesus histórico, para, neste vale de lágrimas, viverem na união de fé com Jesus glorioso, em demanda da união beatífica na glória.

### **3. A Bíblia ocupa lugar de honra na Igreja.**

A jerarquia da Igreja, seus ritos, culto, Liturgia, código de leis, jurisprudência, disciplina clerical, obras de penitência, enfim toda a sua constituição e governo se baseiam, pelo menos indiretamente, na Sagrada Escritura. Na impossibilidade de abordar todas as partes do assunto, remetemos o leitor ao N.º 1 desta Biblioteca Apologética, da pena brilhante de zeloso Barnabita nortista. Aqui vamos averiguar que, na Igreja Católica, *se prega, reza e estuda a Bíblia*, alcançando ela plenamente o objetivo traçado por São Paulo: "Toda a Escritura, inspirada por Deus, é útil para ensinar, convencer, corrigir e instruir na santidade, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e adestrado em toda boa obra" (2 Tim 3, 16-17).



### *A Bíblia é na Igreja Manual de Pregação.*

Não desconhece a Igreja o valor do tesouro celeste a ela confiado; considerem-se os seguintes trechos da lapidar Encíclica "Spiritus Paraclitus" de Bento XV:

"No que depende de Nós, Veneráveis Irmãos, seguindo o conselho de São Jerônimo, jamais cessaremos de admoestar todos os fiéis cristãos a que leiam cada dia um trecho principalmente dos *Santos Evangelhos* de Nosso Senhor, e também dos *Atos dos Apóstolos* e das *Epístolas*, e se esforcem pelos assimilar em suas forças e em sua vida".

"Em alto grau se tornaram beneméritas da causa católica as pessoas de vários países que puseram todo o empenho, como ainda o fazem, na edição cômoda e esmerada e na divulgação de *todos os livros do Novo Testamento* e de *livros escolhidos do Antigo Testamento*; daí provieram na realidade ricas vantagens para a Igreja de Deus, visto que são já bem mais numerosos os que se alimentam desse manjar de doutrina celestial, que Nosso Senhor ministrou ao mundo cristão por seus Profetas, Apóstolos e Mestres".

"Bastas vezes o nosso Doutor (São Jerônimo) tece louvores ao Senhor Jesus intimamente unido à Igreja. Visto como em verdade a Cabeça não se pode separar do Corpo Místico, forçosamente está ligado ao zelo pela Igreja o *amor a Jesus Cristo*, o qual amor se deve considerar pelo mais relevante e mais doce de todos os frutos resultantes dos conhecimentos bíblicos. De que esses conhecimentos do Sacro Código formam o caminho ordinário para conhecer e amar a Nosso Senhor Jesus Cristo, estava São Jerônimo tão convencido, que não teve receio de afirmar: Ignorância das Escrituras é ignorância



de Cristo. — Escreve ele ainda à Santa Paula: Que outra pode ser a vida sem a ciência das Escrituras que, enfim, nos fazem conhecer o próprio Cristo que é a Vida dos fiéis? — *Para Cristo como centro* tendem todas as páginas de ambos os Testamentos”.

Os trechos citados são claros e precisos. E outrossim é claro que a Igreja, em razão de pregar a Jesus Cristo, não é inimiga da criteriosa difusão dos Livros inspirados. Mencionaremos um só exemplo, que deve bastar.

Ufanam-se os hereges de ter Lutero posto a Bíblia ao alcance do povo, vertendo-a para o idioma alemão. Reabilitemos a verdade: desde a invenção da imprensa até a edição de Lutero em 1522 (aliás terminada só em 1534), já existiam nada menos de *catorze edições completas das Escrituras* vertidas para o alemão, sem falar de outras línguas. Enumeraremos as principais, pois, no decurso de quatro largos séculos, o Lutero histórico não conseguiu ainda destronar o Lutero legendário da mente dos reformadores. Elas são:

- a 1.<sup>a</sup>: de Johann Mentel, em 1466, Estrasburgo;
- a 2.<sup>a</sup>: de H. Eggesteyn, em 1470, Estrasburgo;
- a 3.<sup>a</sup>: de Jod. Pflanzmann, em 1473, Augsburgo;
- a 4.<sup>a</sup>: de Guenter Zainer, em 1473, Augsburgo;
- a 9.<sup>a</sup>: de Anton Koberger, 1483, em Nuremberga.

Além das catorze, existem, do mesmo período, mais outras quatro versões de toda a Bíblia para o dialeto baixo-alemão. E antes da invenção da imprensa, eram os textos sagrados igualmente traduzidos e difundidos em vernáculo em todos os países católicos, naturalmente com sábias restrições impostas pelas circunstâncias; como aos hebreus as representações de imagens e figuras constituíam perigo de idolatria, assim a divulgação desenfreada e



improvidente das Escrituras favorece a origem das heresias, que pretendem todas fundamentar seus erros no texto inspirado, conforme se infere à sociedade da triste época da Reforma. Comprovam o que há pouco afirmamos os 3.600 manuscritos escriturísticos em alemão antigo, dos tempos anteriores ao invento da imprensa; entre eles se contam dezesseis manuscritos da Bíblia completa, dos quais dez se conservaram até hoje em bom estado. À vista desses dados, a versão de Lutero não marca inovação no seio da Cristandade.

A Igreja nem pretende nem pode subtrair aos fiéis a palavra divina escrita; antes, no desempenho de sua divina missão, ela baseia toda a sua atividade nas Sagradas Escrituras.

A pregação da palavra divina atém-se à prescrição do Concílio Tridentino: Os Bispos e sacerdotes "*anunciem as Sagradas Escrituras e a lei divina*" ao menos em todos os domingos e dias santos... (Sessão 24).

Na Encíclica supramencionada ("Spiritus Paraclitus" de Bento XV, 15-9-1920) estão enunciadas três razões a favor da *necessidade do estudo bíblico para o Clero e para os pregadores*: 1) na Bíblia encontra o pregador alimento espiritual para a própria alma e, só depois de assimilar as verdades sublimes, pode transmiti-las aos fiéis; 2) nela tem os recursos para a ilustração, confirmação e defesa dos artigos de fé; 3) os conhecimentos bíblicos são imprescindíveis para se exercer santa e frutuosamente o ministério da pregação.

De fato, a Bíblia nunca desertou do púlpito da Igreja Católica. Seria o caso de indagar: Com que direito explicam os reformadores publicamente as Escrituras, uma vez que admitem por única norma da Fé a interpretação individual?



## *A Bíblia é o Livro de Oração dos Católicos.*

As Santas Escrituras são por excelência o manual de reza e de meditação para todo o mundo católico. Tesouro de riquezas inesgotáveis, fornecem assunto superabundante para a *meditação* de uma a duas horas diárias, à qual estão obrigados o Clero e as Comunidades religiosas. Da mesma forma encerram os pensamentos mais sublimes, as imagens mais adequadas, a letra mais autorizada para o *culto público* que os homens como sociedade devem a Deus.

A *Santa Missa*, sacrifício perpétuo e cotidiano da nova lei (Mal 1, 10-11), celebra-se na Igreja entre dizeres selecionados da Escritura. Centenas de milhares de vezes ressoam cada dia nas igrejas católicas do mundo inteiro, pela oblação deste sacrifício perene, as passagens sagradas de louvor, ação de graças, petição, exortação e instrução. No decorrer do ano eclesiástico, são comemorados pública e solenemente na Santa Missa os mais atraentes textos inspirados. E os fiéis instruídos, manuseando o missal em vernáculo, associam-se a estes louvores a Deus; ao canto ou leitura do Evangelho se levantam e permanecem de pé, em respeito à palavra da Boa Mensagem.

Toda a invejável *Liturgia* da Santa Igreja busca na Sagrada Escritura sua magnificência imponente e sua simplicidade cativante. A administração dos meios da salvação, os sete Sacramentos, apóia-se igualmente em palavras ou ritos bíblicos.

O *Breviário*, oração oficial da Igreja, é então uma Bíblia em miniatura; suas páginas inserem de todos os Livros Sagrados os tópicos mais belos e edificantes. Centenas de milhares de pessoas de ambos os sexos, consagradas a Deus e ao seu santo serviço,



recitam-no dia a dia em nome da Igreja, já em coros nos templos, já silenciosamente a sós, mas sempre compenetrados de o rezar como representantes oficiais da Igreja. Todas as semanas repetem os louvores a Deus contidos no Saltério, e todos os anos recitam as páginas ricas da Revelação escrita. Sem dúvida nenhuma, na Igreja Católica a Bíblia ocupa plenamente lugar de honra como Livro de Oração.

Note-se o contraste de cores. Recita a Igreja as palavras divinas da Bíblia, resumindo suas preces na prece de Cristo: que haja, na união da Fé e Caridade, "um só rebanho e um só Pastor". As seitas dissidentes, aferrando-se à letra morta, disseminam separação e discórdia, obra verdadeiramente satânica, em que pese dizê-lo. Com textos bíblicos falsamente interpretados, o Espírito das Trevas já tentou a Cristo no deserto.

Mas até as devoções populares são muito e muito bíblicas. O *Creio em Deus Padre* reúne em artigos de fé as verdades fundamentais da Escritura, tornando-as acessíveis ao povo, às crianças e aos analfabetos. O *Padre-Nosso* é todinho do Evangelho de São Mateus. A *Ave-Maria* é a repetição da saudação angélica do Evangelho de São Lucas (1, 28), e do louvor dirigido a Maria por sua prima Santa Isabel, cheia do Espírito Santo (Lc 1, 41-42); a esta saudação e louvor, a Igreja acrescenta humilde súplica A que é verdadeira Mãe de Deus (V. Lc 1, 30-33). O *Glória ao Padre* vem confirmado pelas doxologias frequentes dos Salmos e nas Epístolas dos Apóstolos. O *Santo Anjo do Senhor*, nas palavras do próprio Jesus Cristo sobre o Anjo da Guarda (Mt 18, 10; v. Heb 1, 14), etc.

Vamos à oração mental, que na Igreja Católica está ao alcance do mais simples fiel. Temos aí as belíssimas Ladainhas; bem rezadas exigem o esforço



dá meditação. A *Ladainha do SS. Nome de Jesus* é resumo da vida inteira do Salvador, como no-la referem os quatro Evangelhos. A *Ladainha do Sagrado Coração de Jesus* traduz os pensamentos profundos das Epístolas aos efésios e colossenses: celebra a Cristo como o único Mediador entre Deus e os homens, a Cabeça do Corpo Místico que é a Igreja. A *Ladainha de Nossa Senhora* canta os louvores da Mãe do Salvador, com palavras e imagens bíblicas a ela aplicáveis, concretizando-se a profecia do Magnificat: "Dora em diante me dirão bem-aventurada todas as gerações" (Lc 1, 48): figura necessariamente e intimamente vinculada à nossa Redenção, como verdadeira Mãe de Jesus, Corredentora nossa e Medianeira da Salvação e das Graças, é Maria, na qualidade de dispensadora das graças divinas, o Coração do corpo vivo da Igreja. Enfim as *Ladainhas dos Santos propõem*, a exemplo da Bíblia, aos fiéis os modelos de virtude para imitação: "Sede meus imitadores, bem como eu o sou de Cristo" (1 Cor 11, 1).

Temos o *Santo Rosario*: os mistérios da Coroa das Sete Alegrias de Nossa Senhora e os quinze mistérios dos três Terços; educam o cristão na difícil arte da meditação, induzindo-o a conservar indelével a memória dos fatos mais importantes da vida de nosso Redentor. Expliquemos.

#### A COROA DAS SETE ALEGRIAS:

1. Anunciação do Anjo e Encarnação (Lc 1, 26-38).
2. Visita de Maria a Santa Isabel (Lc 1, 39-56).
3. Nascimento de Jesus Cristo (Lc 2, 1-21).
4. Adoração dos três Reis Magos (Mt 2, 1-12).
5. Encontro de Jesus entre os doutores (Lc 2, 42-52).
6. Jesus glorioso aparece a Maria (Tradição).
7. Assunção e Coroação de Maria (Tradição).



### OS MISTÉRIOS DO TERÇO GOZOSO:

1. Anunciação do Anjo (Lc 1, 26-38).
2. Visita a Santa Isabel (Lc 1, 39-56).
3. Nascimento de Jesus (Lc 2, 1-21).
4. Apresentação no Templo (Lc 2, 22-39).
5. Encontro de Jesus Cristo no templo (Lc 2, 40-52).

### OS MISTÉRIOS DO TERÇO DOLOROSO:

1. Agonia do Horto (Lc 22, 39-46).
2. Flagelação de Jesus (Jo 19, 1).
3. Coroação de espinhos (Mt 27, 27-30).
4. Caminho da Cruz (Lc 23, 26-33).
5. Morte na Cruz (Mt 27, 33-56).

### OS MISTÉRIOS DO TERÇO GLORIOSO:

1. Ressurreição de Jesus (Lc 24, 1-8).
2. Subida aos céus (At 1, 9-11).
3. Vinda do Espírito Santo (At 2, 1-11).
4. Assunção de Maria (Tradição).
5. Coroação de Maria (Tradição).

Temos ainda o salutar exercício da *Via-Sacra* que, em catorze estações do Caminho da Cruz, recapitula a Sagrada Paixão de nosso Divino Salvador, como lemos nos quatro Evangelistas.

Não revelam esses fatos que as Escrituras são o cerne de toda a devoção na Comunidade Católica? Deveras, refletissem em tudo isso os pobres “reformadores”, e não estariam por aí a impingir suas bíblias truncadas aos fiéis da Igreja, cuja sabedoria na direção das almas resulta de experiências quase bimilenárias.

*A Igreja promove o estudo das Escrituras.*

Para as primeiras lições bíblicas e sucessiva aquisição metódica de conhecimentos escriturísticos, a Igreja manda adotar nos estabelecimentos de ensino as *excelentes Bíblias Escolares*, que encerram



os pontos essenciais do Antigo e Novo Testamento. Que indiscrição e erro psicológico e de graves consequências pôr nas mãos das crianças e ignorantes a Bíblia completa! Por que desrespeitar as normas prudentes da pastoreação de almas e as regras mais mezinhas da sã pedagogia na formação da juventude?

Nas faculdades de estudos superiores e dos seminários maiores está previsto *um curso meticoloso e completo de Exegese*, devendo todas as disciplinas teológicas ser tratadas em sua íntima correlação com os Livros Sagrados, que constituem a alma de todos os ramos da sacra Teologia (Enc. "Spiritus Paraclitus"). Não é sem motivo, mas de caso pensado, que os pastores protestantes, que tanta sabença alardeiam ante o nosso povo simples, fogem apressados da presença dos ministros da Igreja; temem desmascarar-se em dois tempos todo o seu cientismo bíblico.

Nas *Universidades católicas*, a cadeira de estudos exegéticos, com seus ramos auxiliares, goza de atenção privilegiada, combinando a tradição medieval de sumo respeito à palavra de Deus com os processos da crítica moderna.

Não devemos olvidar o grande benefício que a Santa Sé proporcionou à humanidade, uniformizando, por meio dos abnegados esforços e sacrifícios do grande São Jerônimo, o texto oficial da Igreja, a *Vulgata latina*; dela, ao lado da Septuaginta grega e da Massorá hebraica, não podem prescindir a Exegese bem orientada. Outrossim só a Igreja, na qualidade de católica ou universal e sobrenacional, tendo, para efeitos de intercomunicação e unidade de governo e doutrina, sua língua oficial, o latim, pôde realizar esse empreendimento de alcance mundial.

Efetua-se ao presente a reconstrução da letra



jeronimita da referida Vulgata, trabalho insano, cometido desde 1907 a doutos competentíssimos da Ordem Beneditina, cuja paciência tenaz em pesquisas árduas e fatigantes há muito é proverbial (Cf. *Revista Eclesiástica Brasileira*, 1942, p. 307).

Acresce mencionar os dois grandes focos irradiadores de estudos críticos e pesquisas bíblicas, fundados e mantidos ambos pelo Santo Padre.

O *Instituto Bíblico Pontifício*, com sede em Roma, sob a sábia direção dos PP. Jesuítas, dispondo de biblioteca especializada de 75.000 volumes e de museu bíblico; tem por escopo promover os estudos atinentes às Sagradas Escrituras, formando doutos na matéria, divulgando publicações científicas e populares, e favorecendo as buscas históricas e viagens de estudo.

A *Comissão Pontifícia de Assuntos Bíblicos*, constituída de ilustres membros do corpo cardinalício e de numerosos consultores, esses últimos escolhidos dentre os mais insignes sábios católicos do mundo, versados em ciências bíblicas e nomeados diretamente pelo Sumo Pontífice. As decisões da Comissão vêm a lume no órgão oficial da Igreja (*Acta Apostolicae Sedis*) e gozam de autoridade igual à dos decretos das demais Congregações Romanas; desde 1904 confere graus acadêmicos.

Como poderia a Igreja, aliás, relegar ao desmazelo os Santos Escritos, alimento espiritual da alma como veículo que são do conhecimento de Cristo, "Caminho, Verdade e Vida"? Neles baseia a Igreja sua estrutura, governo, ensino e atividade exterior; sua vida transbordante, porém, centraliza-se na Eucaristia, em que Deus vivo e verdadeiro alimenta e santifica pessoalmente "os ramos unidos à Videira" (Jo 15, 1-8).



## *A Igreja vela pela integridade da Bíblia.*

Já vimos como a Igreja de Cristo honra as Escrituras com inexcedível amor e carinho e promove o seu estudo com zelo e prudência; herdando a Bíblia qual sagrado fideicomisso, ela ainda vela pela pureza e integridade da palavra divina com solícitude e desvelo maternos.

Ora, não deve causar espécie, que filhos desnaturados e rebeldes se insurjam contra sua Mãe, lhe tomem os cuidados maternos por fraqueza e as disposições prudentes por arrogância, e injustamente lhe arrebatem o seu tesouro sagrado, para própria desgraça — caso sucedido com a deplorável Reforma protestante.

A Bíblia deve orientar no caminho da salvação; sua finalidade destina-se à prática e não à mera teoria. Ninguém pode seriamente contestar, em tese geral, a necessidade de interpretação do texto inspirado, já que vidas inteiras foram dedicadas a estes estudos, só em parte conseguindo o alvo. Felizes os católicos que temos no Magistério legal e infalível o legítimo intérprete dos Livros Sagrados.

Antes de mais nada, resume a Igreja os ensinamentos da Bíblia e suas conclusões práticas nos *Catecismos*, numa síntese sistemática, lógica e psicológica, fazendo os fiéis, desde o desabrochar da inteligência, seguir o caminho da salvação indicado na Revelação escrita. Ao lado do Catecismo, adota as *Bíblias Escolares*, já acima mencionadas. Providencia a Igreja para que os fiéis, desde os primeiros anos, vivam segundo a Bíblia, e não apenas para que a conheçam.

Jamais se promulgou para os católicos lei geral que proibisse aos fiéis indistintamente a leitura da Bíblia completa. Mas a Igreja, a fim de velar pela in-



tegridade da Bíblia e o bem das almas, e destarte não trair seu mandato divino, só permite a leitura da Bíblia completa em vernáculo, *com muita cautela e circunspecção*. As mil e tantas seitas que proliferam no campo protestante, derivam-se da falsa interpretação da palavra divina. Ora, Deus não quer a dissensão mas a união; quer que “haja um só rebanho e um só Pastor”.

Em razão disso, a Igreja veda ao uso do povo todas as versões bíblicas impressas sem seu visto ou autorização. E' claro como a luz meridiana: as versões não visadas nem reconhecidas pela autoridade legítima carecem de autenticidade. Em que pese aos protestantes, continuaremos a rejeitar e queimar suas bíblias por serem truncadas e porque não oferecem garantia de fidelidade na tradução.

Aludindo São Paulo à semelhança entre o alimento espiritual e o alimento corporal, diz que os fracos na Fé se nutrem de “leite”, porém os fortes, de “alimento sólido” (Heb 5, 12). Desta sorte os católicos, que somente se podem servir de versões bíblicas que levam (geralmente no verso do frontispício) o *Imprimatur* da autoridade eclesiástica, nem todos suportam o alimento sólido; e quem se sustenta com alimento sólido, quando ainda tem mister do leite, *prejudica a saúde* em maior ou menor proporção. Daí só poderão ler a Bíblia completa sem desvantagem, antes com incontestável proveito, os homens de ciência e estudo, católicos instruídos e esclarecidos, capazes de atingir o sentido literal, espiritual e figurado ou típico dos Escritos Sagrados, guiando-se à luz das diretrizes emanadas da legítima intérprete, a Santa Igreja.

Para o povo simples e trabalhador, que não se dedica a estudos profundos, nem o pode, aconselha-se a leitura do Novo Testamento e trechos seletos



do Antigo, os quais facilmente se obtêm com as Bíblias Escolares, acondicionadas aos cursos adiantados. O Santo Padre Leão XIII concedeu 300 *dias de indulgência* por dia e plenária no mês (sob as três costumadas condições) aos fiéis que todos os dias lerem nos Evangelhos ao menos pelo espaço de um quarto de hora (13-12-1898). A Encíclica "Spiritus Paraclitus" aconselha a leitura diária de trechos bíblicos, principalmente dos Santos Evangelhos, Atos dos Apóstolos e Epístolas, compenetrando-se o leitor das verdades neles contidas, para chegar a maior conhecimento e amor de Jesus Cristo.

Realmente, para nós católicos, a Bíblia tem por fim *levar-nos a Cristo eucarístico da Santa Missa*, Sacerdote e Vítima, Irmão nosso e Amigo de nossas confidências e Centro de todos os corações. Fiquem lá os hereges teimosos apegados à palavra morta da Bíblia, idolatrando-a e nela centralizando seu viver, seu culto a Deus. Coitados, param em meio caminho, confusos e desorientados!

O esplendor, a força, a perfeição, a santidade, o triunfo singular da Igreja Católica e de seus filhos, tudo centraliza-se na Eucaristia, Deus-Conosco: aí está o segredo da pujança de sua vida e do seu trajeto vitorioso através dos tempos.

O que foi a deslumbrante apoteose de um milhão de brasileiros a Jesus-Hóstia, no IV Congresso Eucarístico Nacional de São Paulo, comprova que na Igreja Católica as Escrituras conseguem plenamente sua finalidade: *centralizar em Jesus Cristo Rei* a vida do indivíduo, da sociedade e das nações, em ordem a uma real fraternidade em Deus, bem outra da que sonhou a Revolução Francesa.



## CAPÍTULO II

### A BÍBLIA NO PROTESTANTISMO

Se na Igreja Católica a Bíblia conservou e conserva incólume seu caráter divino, o inverso dá-se no protestantismo; aí se desenrola um espetáculo desolador aos olhos de quem ama sinceramente o Livro de Deus — está de todo entregue aos caprichos mesquinhos e tacanhos da veleidade humana.

Já São Jerônimo, Patrono celeste dos exegetas católicos, condenou a Reforma treze séculos antes que aparecesse, ao escrever: “Não quero falar daqueles que, encantando o ouvido do povo com sua loquela floreada, julgam por lei de Deus tudo quanto tiverem proferido e recusam investigar os pensamentos dos Profetas e dos Apóstolos, antes adaptam às suas próprias idéias os testemunhos que lhes não quadram: como se fora excelente e não erradíssima forma de dicção, depravar as frases e sujeitar aos próprios caprichos a Escritura que está em desacordo com eles” (Ep 53, 7, 2).

E diz mais: “Pois, sem a autoridade das Escrituras, a saber, sem que elas aparentemente não confirmassem a má doutrina mesmo *com testemunhos divinos*, a garrulice não faria fé” (In Tit. 1, 10 s).

#### *A Bíblia sujeita aos caprichos humanos.*

Os nossos desventurados irmãos protestantes, contradizendo a olhos vistos as mesmas Escrituras



e a praxe da Igreja Cristã primitiva e menosprezando-as descaradamente, negam a Tradição e o Magistério eclesiástico; mas, a cada passo, apregoam a boca cheia que são visceralmente bíblicos e exclusivamente bíblicos e cópia fidelíssima dos primeiros cristãos: e no século XX do Progresso ainda não emudeceu tão ignóbil desafio à inteligência universal.

Rejeitando mui antibíblicamente a Tradição e o Magistério, viu-se Lutero em talas ao tentar estatuir a regra da nova fé. Restava apenas um caminho: arrancando a Bíblia das mãos do legítimo legatário, declará-la fonte única e total das verdades reveladas, submetê-la *ao livre exame* ou *interpretação individual* do leitor, a quem assistiriam luzes especiais do Espírito Santo para discernir a verdade do erro. Mas essas luzes falharam; e eis o Livro de Deus entregue ao talante de homens fálicos que, por fim, acabaram dilacerando-o por completo e responsabilizando-o pelos dissídios na sociedade, resultantes das inúmeras seitas diametralmente opostas.

Predisse Jesus Cristo a indefectibilidade de sua Igreja; Lutero, por sua vez, profetizou já em 1525 a desagregação de seu credo: “Um não quer o Batismo, outro nega os Sacramentos; um admite outro mundo entre este e o juízo final, outro ensina que Cristo não é Deus; uns afirmam isto, outros aquilo — em breve serão tantas as seitas e tantas as religiões, quantas as cabeças”. (Do escrito que Lutero dirigiu aos “cristãos de Antuérpia”).

Ambas as profecias realizaram-se ao pé da letra. A Igreja, arrostando sem cessar os obstáculos inevitáveis provindos da congérie das misérias humanas, é na atualidade o firme baluarte da filosofia otimista da afirmação da vida; o protestantis-



mo encarna a mentalidade da negação, da anarquia, do pessimismo cético: protesta e nega e condena, e jamais chega a codificar um sistema coerente e harmonioso de doutrina. Pudera! Em estrutura falha levantará o arquiteto edifício sólido! Unidos em rejeitar o ensino da Igreja, os protestantes refletem assombrosa desunião em definir as doutrinas básicas da própria crença; os mais ingentes esforços neste sentido fracassaram fragorosamente.

Reconhecendo o erro, preferiu Judas o laço à reconciliação. Não menos o protestantismo a tornar à Mãe Igreja prefere o suicídio: "A Igreja Romana, única que ainda está firme, não nos é possível voltar. A quem dirigirmo-nos? Só o *Estado* nos pode salvar" (Declaração de Emil Schulze em 1914, in *Die Christliche Welt*, 1914, n. 391). Obstinação dessa esquivar-se aos tentáculos da mais fina psicologia; só à luz da fé comporta explicação bastante.

Eis num ligeiro relance a que fim levam ao Santas Escrituras rebaixadas e abandonadas aos caprichos dos homens.

### *A própria Bíblia condena o protestantismo.*

Que as Escrituras contrariam a doutrina básica do protestantismo, é de se ver do que explanamos acerca da legitimidade da Tradição e da instituição divina do Magistério infalível; mas na Bíblia encontramos em verdade condenação explícita da Reforma.

Nas acusações formuladas contra a Igreja, o argumento decisivo dos protestantes assenta no estribilho, constante e invariável: "E' falso, é inadmissível; não está na Bíblia". E não poucos católicos, para gáudio dos biblistas, ficam impressionados com tal argumentação sofística, por não refletirem que a Bíblia,



como fonte apenas parcial da Revelação, não constitui o depósito total da Fé, como acima ficou fartamente demonstrado. A tal argumento cabe resposta correspondente: "Nem por isso é falso ou inadmissível; poderia muito bem constar nos documentos inspirados que se perderam" (V. 1 Par 29, 29; 2 Mac 2, 1; 1 Cor 5, 9; 15, 7. Col 4, 16; etc.).

Nas Escrituras verificamos, porém, em pesar dos biblistas, inúmeras passagens alusivas aos dissidentes e que encerram sua formal condenação. *Supomos naturalmente que foram as seitas que se desligaram da Igreja Apostólica Romana, e não que essa se tenha separado do "Protestantismo de todos os séculos"* (Este termo forjou-o conhecido gramático paulista, Sr. Eduardo Carlos Pereira, protestante, e revela à saciedade as manobras e esforços acrobáticos da razão obcecada pela heresia, a fim de aparentemente justificar a atitude a custo mantida).

Na suposição feita, aliás realidade histórica, decida o leitor a quem se referem as reprovações contidas nas seguintes passagens bíblicas, à Igreja ou ao protestantismo:

"Suscitar-lhes-ei, do meio de seus irmãos, um Profeta (Josué, Jesus Cristo, seu Representante) semelhante a ti e pôr-lhe-ei na boca as minhas palavras; ele comunicar-lhes-á tudo que eu lhe mandar. Mas a quem não quiser ouvir as suas palavras, que ele profere em meu nome, eu mesmo exigirei satisfação. Se, porém, *algum profeta, depravado por arrogância, pretender proferir em meu nome o que lhe não mandei dizer*, ou se falar em nome de deuses estranhos, seja morto. Se disseres entre ti: Como poderei saber qual palavra não disse o Senhor? — terás isto por sinal: Caso não suceda o que um



tal profeta predisse em nome do Senhor, não foi o Senhor quem o disse, mas o profeta o inventou por temeridade de seu espírito; em vista disso não o temerás” (Vaticínio de Deus a Moisés, Dt 18, 18-22; v. Dt 13, 1-18).

“E disse-me o Senhor: Falsamente vaticinam esses profetas em meu nome; não os enviei, *não lhes dei autorização nenhuma*, não lhes falei. Visão mentirosa, predição frívola e engano de própria ficção é o que vos profetizam” (Jer 14, 14; v. 28, 15; 29, 8-9; Is 9, 15).

“Isto diz o Senhor Deus: Ai dos profetas insensatos que *seguem os próprios caprichos* sem terem visão de nada. Vêem coisas falazes e profetizam a mentira, sempre que alegam: Assim o disse o Senhor — nada obstante, o Senhor não os enviou” (Ez 13, 3. 6; v. 13, 1-23; 14, 9-11; 22, 28).

“Naquele dia, envergonhar-se-ão os *falsos profetas* de suas visões e vaticínios. Não mais se cobrirão de manto de pêlo para mentir. Cada um deles dirá: Não sou Profeta, sou simples lavrador, para o qual ofício alguém me adquiriu já em minha juventude” (Zac 13, 4-5).

“Acautelai-vos dos falsos profetas que, em vestes de ovelha, vêm ter convosco, mas por dentro são lobos roubadores. *Reconhecê-los-eis nos seus frutos*. Colhem-se acaso dos espinheiros uvas ou dos abroghos figos? Assim toda árvore boa dá frutos bons, a árvore má, porém, frutos maus. Logo, conhecê-los-eis pelos frutos seus” (Mt 7, 15-17. v. 13, 24-30, etc.).

“Olhai por vós mesmos e por todo o rebanho, sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu Chefes (Bispos), para governar a Igreja de Deus, que Ele adquiriu com o próprio Sangue. Sei que, depois da minha partida, vos invadirão lobos roubadores, que não pouparão o rebanho. *Mesmo dentre vós pró-*



prios surgirão homens a proferir doutrinas perversas, com o intento de atrair a si os discípulos. Por isso sede vigilantes, lembrados de que por três anos a fio não cessei, noite e dia, de admoestar cada um de vós entre lágrimas” (Trecho da despedida comovente de São Paulo dos Presbíteros de Éfeso, At 20, 28-30).

“Rogo-vos, Irmãos, que noteis aqueles que causam as dissensões e escândalos contra a doutrina que aprendestes; apartai-vos deles. Porque homens desses não servem a Cristo Nosso Senhor, mas ao seu ventre; e com vozes melífluas e lisonjas seduzem os corações dos ingênuos” (Rom 16, 17-18; v. Heb 13, 7-9).

“Esses tais (adversários de São Paulo) são apóstolos falsos, obreiros dolosos, transformando-se em Apóstolos de Cristo. Não é de estranhar: pois o próprio Satanás exhibe-se como Anjo da luz. *Pelo que não deve causar espécie, se também os seus ministros se transformem em ministros da justiça.* Mas o fim deles será conforme as suas obras”. (2 Cor 11, 12-15; v. 2 Tess 3, 14).

“Admiro-me de que tão depressa passeis d’Aquele que vos chamou à graça de Cristo, para outro evangelho. Mas outro não existe; apenas há certas pessoas que vos perturbam e pretendem torcer o Evangelho de Cristo. Todavia, ainda que nós ou um Anjo do céu vos anunciássemos outro evangelho do que vos temos pregado: esse tal seja maldito (anátema). Como já vo-lo dissemos, repito-o novamente: Se alguém vos pregar outro evangelho do que recebestes, seja amaldiçoado (anátema)” (Gál 1, 6-9; v. 5, 7-12).

“Digo-vos isto, porque ninguém vos engane com discursos persuasíveis. Cuidai que ninguém vos capte por meio de ciência altissona e vãos sofismas, que



se apóiam em tradição humana e em elementos terrestres, e não em Cristo" (Col 2, 4. 8).

"O' Timóteo, guarda o depósito a ti confiado, evitando os palavrórios vãos e profanos e *a sabedoria de falso nome*; alguns a professam e assim apostataram da Fé" (1 Tim 6, 20; v. 1, 18-20).

"Evita o *homem herege*, depois de o teres advertido uma e outra vez; bem sabes que esse está pervertido e se condena a si mesmo pelo próprio pecado" (Tito 3, 9-11; v. 2 Tim cap. 3 e 4).

"Houve no povo (judeu) falsos profetas, bem como entre vós surgirão *falsos mestres*, que introduzirão heresias perniciosas, renegando mesmo o Senhor que os resgatou e assim atraindo sobre si pronta perdição. Muitos seguirão as suas dissoluções e *por causa deles será blasfemado o caminho da verdade*. Gananciosos, explorar-vos-ão com palavras fingidas. Mas há muito não tarda a sua condenação nem dorme a sua destruição" (2 Ped 2, 1-3).

"Caríssimos, da longanimidade de Nosso Senhor aproveitai-vos para vossa salvação, como igualmente escreveu nosso caro irmão Paulo, segundo a sabedoria que lhe foi dada, como o faz em todas as cartas, quando trata deste assunto. Há nelas, porém, várias coisas difíceis de entender, que *homens sem formação e sem firmeza torcem para a própria perdição, talqualmente o fazem com as demais Escrituras*. Portanto, Irmãos, uma vez advertidos disto antecipadamente, acautelai-vos, porque vos não deixeis arrastar pelo erro dos *indisciplinados* e percais o vosso arrimo. Antes cresci na graça e no conhecimento de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A Ele a glória, agora e para o dia da eternidade. Amém" (2 Ped 3, 15-18; v. 2, 9-10).

"Filhinhos, esta é a última hora (isto é, o tempo entre a Ascensão e a segunda vinda do Salvador, o



tempo que precede o juízo final). Como ouvistes que vem o Anticristo, sabei que já se têm levantado *muitos anticristos*, donde inferimos que é a última hora. *Dentre nós é que saíram, mas não pertenceram a nós*; pertencessem eles a nós, e teriam permanecido conosco; neles se deveria tornar manifesto que nem todos pertencem a nós". (1 Jo 2, 18-19; v. 4, 1-6).

"Todo o que for além e não permanecer fiel ao ensino de Cristo, não possui a Deus; o que fica fiel a este ensino, possui o Pai e o Filho. Se alguém vier ter convosco *e não trouxer este ensino*, não o recebais em casa nem o saudeis; pois quem o saúda, participa de suas obras más" (2 Jo 10-11; v. Apoc 2, 6. 15. 20).

Terminemos. As passagens citadas atestam claramente o seguinte: existe uma Organização visível, caracterizada e constituída pelos vínculos da unidade de Fé e Governo, *e dela não fazem parte as seitas dissidentes*, sobre as quais pesa — e só Deus sabe quanto as martiriza — a formal condenação das páginas da Bíblia.

### *Incoerências palpáveis do protestantismo.*

Reprovados implícita e explicitamente pela Bíblia que adoram, os protestantes são ainda os seus próprios juízes. Estabelecem as bases de seu credo com tamanha levandade e arbitrariedade, que esbarram com as mais flagrantes contradições e incoerências, injuriosas à razão bem equilibrada. Que a Reforma durou quatro séculos, não obstante apoiada em fundamento tão frágil, explicam satisfatoriamente os fatores naturais que favoreceram sua difusão, delineados magistralmente pelo Pe. Leonel Franca S. J. em sua obra monumental *A Igreja, a*



*Reforma e a Civilização.* (Esta obra de 500 e tantas páginas, desde 1922 constitui um repto nobre aos protestantes sinceros; até hoje não apanharam a luva).

Não tencionamos nestas páginas exarar uma refutação completa do protestantismo nas suas variadas aberrações. Tão certo como os protestantes anatematizam seus sequazes, quando se rebelam, se separam e fundam novas seitas, tão certo a insurreição dos corifeus do protestantismo contra a Mãe Igreja foi um passo sob todo o ponto de vista condenável. Temos em mira apenas indicar em traços gerais a incoerência da sua doutrina com respeito à Bíblia.

E' doutrina protestante que todos os artigos de fé sem exceção se contêm exclusivamente na Bíblia. Ora *a própria Bíblia nada afirma que isso comprove.* De forma que já este ponto fundamental carece de todo fundamento, contradizendo-se às mil maravilhas.

Caso singular. Os protestantes na sua quase totalidade, conservando antibíblicamente a santificação do domingo em vez do sábado, e reconhecendo a validade do Batismo conferido a crianças antes do uso da razão, *apóiam-se na Tradição católica.* Da mesma forma, unicamente recorrendo à Tradição católica, é que sustentam a autoridade divina da Bíblia e organizam o cânone dos Livros Sagrados; apenas rejeitam os livros deuterocanônicos, e com isso sobrepõem à cristã a tradição dos rabinos judeus.

E' mais doutrina protestante que só o seu cânone ou coleção de Livros Sagrados contêm a palavra divina, pois rejeitam vários livros que a Igreja aceita. Com que autoridade, pois, visto que a Bíblia igualmente silencia nesse particular, e eles negam a Tradição divina? Com que bulas pretendem selec-



nar os livros inspirados *dentre a multidão de 215 livros apócrifos do Antigo e Novo Testamento?* A ciência humana, ainda norteadada pelos processos críticos mais fidedignos e imparciais, falece toda competência em averiguar a inspiração divina das Escrituras.

E' ainda doutrina protestante que todo fiel é intérprete autêntico da Bíblia, sem embargo de que diversas passagens insinuem a necessidade de interpretação oficial (V. Sab 9, 16-18. Lc 24, 27. 45. At 8, 30-35. 2 Ped 3, 15-16). Por que razão, pois, querem impor a sua interpretação pessoal aos prosélitos e a todo o mundo? Por que condenam a interpretação dos católicos já que implicitamente lhes reconhecem tal direito? E' de se ver que toda "propaganda protestante" é *ilógica* e contraria a um dos dogmas básicos do próprio sistema.

Ouçamos nesta questão o depoimento ponderado da baronesa de Koenneritz (convertida), expoente das inteligências mais cultas da Alemanha: "Este campo (do livre exame ou livre interpretação das Escrituras) me parece muito vasto, muito indefinido, para assegurar a paz das almas. Considerando a grande liberdade desse culto, pergunto-me o que viria a ser um Estado, cujas instituições repousassem na livre interpretação do Código Civil. Imagine-se que desordem e anarquia forçosamente procederiam de semelhante liberdade de interpretação. Nenhuma lei poderia ser aplicada. *Igual anarquia e desordem apresenta o protestantismo no ponto de vista moral e dogmático*" (*Ma conversion*, p. 27).

Que sorte, perguntamos, está reservada a um sistema religioso de tão manifestas consequências?

Di-lo a História.



## *A voz serena da História.*

Surgiu o Protestantismo, num brado de revolta e insubmissão, para proporcionar aos homens um caminho mais seguro e certo de salvação, e *assim suplantar e substituir a Igreja Católica*. Conseguiu sua finalidade? Absolutamente. Rejeitou a Autoridade eclesiástica, a Tradição divina, a santa Liturgia, os Votos evangélicos, os sete Sacramentos, as boas obras, enfim os meios essenciais para atingir a santificação pessoal; rejeitou também o Celibato e a Virgindade, sublimes conquistas do Cristianismo. Que admira invejar e perseguir ele a Igreja, que tão belos frutos de santidade tem produzido?

Quando o autor destas linhas, em viagens de missão nos sertões catarinenses e sul-riograndenses, teve ocasião de palestrar com pastores e membros da Igreja Evangélica Alemã (protestantes pacíficos que já cessaram de angariar prosélitos mas em grande parte simpatizam com o nazismo pagão), recebeu de todos confirmação unânime de que condenam o rompimento de Lutero com a Mãe Igreja; e, para apaziguar a consciência, acrescentam: “Enfim todas as Confissões são boas”, sem levar em consideração o absurdo que proferem. Esta concessão insuspeita e uníssonas, de há muito corrente no protestantismo, claramente atesta que *a Reforma descreve de si mesma*. E’ o que já lastimara o filósofo protestante Leibniz: “Todas as lágrimas do gênero humano não bastariam para se chorar o funesto cisma do século XVI (o protestantismo)” (*Lettre à Mad. de Brinon*, p. 173).

Quis a ironia da História que a arma empunhada pelos reformadores para combater a Igreja, fizesse os próprios agressores. Rebelaram-se para reformar o Cristianismo, mas deformaram-no inteira-



mente. Imaginaram um sistema organizado de divulgação dos Livros Sagrados, que os levasse a triunfar da Igreja, desintegrando-a; mas desmembraram-se assustadoramente a si mesmos. Só na América do Norte contam-se aos milhares as seitas que reivindicam a posse da verdade. Nessa mesma nação de origem protestante, a seita independente mais forte atinge apenas a uns quatro milhões de membros, em face de 20 e tantos milhões de católicos, que sem cessar engrossam as fileiras. *Corruptio optimi pessima*, diz um adágio da filosofia: a maior bênção, uma vez abusada, torna-se em proporcionada maldição. O Livro da Salvação, em mãos do protestantismo, o arrasta à inevitável ruína. E' o caso do desmoronamento da casa construída em bases arenosas, quando lhe sobreveio a tormenta: "e foi grande a ruína de tal casa" (Mt 7, 27).

Indaguemos com sinceridade: E' possível que ainda hoje, após o veredito implacável da História, haja pastores convencidos da veracidade do que pregam? Como podem esquivar-se ao dilema de férrea consequência: ou de possuírem crassa ignorância da própria doutrina e da História, ou então de serem falsos e renitentes à verdade? As páginas da Bíblia exigem terminantemente a unidade de Fé, e a prece do Sacerdote Supremo Jesus Cristo é pela união de todos entre si e em Deus (Jo cap. 17); é óbvio: *a verdade é uma, o erro múltiplo*.

Afinal de contas, por que deixam os tais pastores norteamericanos o seu País, onde desconhecem o cristianismo 60 milhões de ateus civilizados, para virem "converter" o nosso povo sertanejo que no âmago é cristão? Não foi a Bíblia, despida de seu caráter divino e entregue aos caprichos humanos, que precipitou dezenas de milhões no "americanis-



mo essencialmente ateuista" de todo discordante da genuína "americanidade" de fundo cristão e largo descortínio, a qual tanto prezamos para salvaguarda da civilização moderna? A isso veja-se *A Igreja e a América* de Tristão de Ataíde, no diário da Capital *A Noite* (6 e 7 de Setembro de 1942).

Um fato é incontestável: o protestantismo nutre em si o germe da dissolução — *as leis incoercíveis da evolução histórica* o condenam ao desaparecimento.



## CONCLUSÃO

### *O Brasil e o protestantismo.*

Descobertas e civilizadas à sombra da Cruz, as plagas brasileiras ufanam-se do especial privilégio de Deus, de florescerem e frutificarem sob o manto protetor da Santa Madre Igreja. Formou-se destarte a tradição brasileira, *que é essencialmente americana, cristã e católica*: liberal, nobre, caridosa, cavalleiresca, hospitaleira, generosa, magnânima. Tal a tradição e tal a alma genuinamente brasileira, que, em território tão vasto, à mingua de socorro espiritual, conservou-se cristã. Na insinuante devoção e festejos da Virgem Mãe e dos Santos, teve incessantemente ante os olhos esses modelos perfeitos de virtudes que distinguem o bom discípulo de Cristo. Na Igreja encontrou sempre o ideal da santidade e os meios para aspirar a ela, de vistas erguidas para o Céu.

Eis agora as tradições pátrias, *bem americanas mas não americanistas*, ameaçadas pela invasão dos protestantes. Levantam-se em nome da liberdade de culto, a divulgar seu credo de doutrina incoerente, de idéias tacanhas, de horizontes mesquinhos, de manhas e intrigas. Para justificar a infiltração “saneadora” em Países católicos, soem publicar em sua terra notícias infamantes da moralidade do Clero e do povo, onde desenvolvem sua atividade separatista (V. *Diretório Protestante no Brasil*, p. 166 ss).



Combate-se a tradição católica do Brasil *do modo mais injurioso à Piedade pátria* e no ponto mais vulnerável: na alma dos filhos, cidadãos de amanhã. Para esse fim funcionam os colégios protestantes, as escolas dominicais, e se fundam as associações cristãs de moços e outros centros de sorrateira infiltração.

A vista dessas graves verdades, todo brasileiro de brio será inimigo decidido do protestantismo, sem contudo odiar os seus adeptos, antes compadecendo-se deles na caridade cristã, rezando e trabalhando por que Deus os fira com o raio de Luz que cegou os olhos carnis do Fariseu Saulo e iluminou a mente de Paulo Apóstolo. Querer convencê-los, persuadi-los, é por via de regra baldado empenho, nem o pretendem as presentes linhas, dirigidas especialmente aos católicos; só a graça divina quebra a resistência de obstinação emperrada como a dos fariseus altivos, cuja presunção sem limites lhes ofuscava o entendimento e aos quais lançou em rosto o Salvador: “Se fôsseis cegos, não teríeis pecado. Mas dizeis: Nós vemos. — Por isso o vosso pecado subsiste” (Jo 9, 41).

Espíritos clarividentes da prodigiosa Nação norteamericana vêem no proselitismo, desenvolvido nas Repúblicas sulamericanas pelos sectários, sério perigo e ameaça às relações cordiais da Boa Vizinhança e Amizade entre os Países deste hemisfério. Entre muitos, citemos os seguintes depoimentos.

*Alfredo Holmann*, membro da Fundação Carnegie para a Paz Internacional, voltando de uma viagem à América do Sul, em uma conferência proferida em Briarcliff, em 11-5-1926, sob os auspícios da fundação Carnegie e da Academia Americana de Ciências, expressou-se da seguinte maneira: “Os ministros americanos são uma ameaça às relações



pacíficas entre a América do Norte e a do Sul. Esses missionários são antipáticos a um povo que está satisfeito com a sua Religião. Os sulamericanos ofendem-se com esses esforços que fazem os missionários para trocar-lhes a fé e com os métodos empregados nesse afã. Esses povos já são cristãos e, por conseguinte, resistem e detestam a suposição de que sejam pagãos. A América do Sul olharia com mais simpatia os Estados Unidos, se fizéssemos regressar todos esses missionários" (V. *Revista Eclesiástica Brasileira*, 1943, p. 35).

Mr. John White, um dos jornalistas que acompanhou Hoover pela América do Sul, depois de ter mostrado como os missionários americanos são uma das mais perniciosas influências na América Meridional, acrescenta: "Considerando a questão sob um ponto de vista religioso, os que se denominam missionários americanos *fazem mais mal do que bem*, pois despojam seus "convertidos" da Fé em que foram criados e, em troca, nada lhes dão de equivalente. Tem a experiência demonstrado que os tais convertidos, por causa da dúvida que lhe infundiram no coração, começam logo a duvidar da nova fé e assim frequentemente caem em completa incredulidade" (*Idem, ibidem*).

"Quanto à Religião, nós, nos Estados Unidos, ou certas seitas religiosas nossas, nos expõem a sérias desavenças. Não há dúvida que alguns grupos religiosos esperam converter a América do Sul de sua sólida e tradicional Fé Católica a outras formas de cristianismo. Por exemplo, há norteamericanos que mantêm missões na Argentina. A tentativa é ridícula e seu fracasso tão manifesto que os católicos podem permitir-se ignorá-las; mas é irritante para eles e, considerando a lenda de nossas ambições de



conquista, desagradável para todos nós... *E' um trabalho de pura destruição*, e eu que o digo, não sou católico. Espero que o hemisfério ocidental chegue a ser uma família unida de democracias, com um equilíbrio cuidadosamente mantido entre as tradições anglo-saxônicas e latinas, enriquecidas por outros acréscimos. No passado, *a civilização anglo-saxônica chegou a seu cume, quando foi estimulada por França, Espanha e Itália*. Ora, cada País deste lado do oceano possui uma herança que os demais necessitam. Nossa salvação estará em conhecer e respeitar os nossos vizinhos, em praticar, tanto nos negócios públicos como nos privados, a sinceridade, a caridade e a boa educação, e contentar-nos alegremente com o que na realidade nos pertence" (J. Erskine, in *Liberty*, 18 de Outubro de 1941).

"Ademais, *temos demasiado que fazer em nossa própria Pátria*; e os católicos da América do Sul, de sua parte, estão atarefadíssimos com os problemas que enfrentam em seus territórios. Seria excelente que nós outros cumpríssemos com o nosso dever em a Nação a que pertencemos, em vez de armar tropeços a nossos vizinhos" (J. Erskine, protestante episcopaliano, in *Catholic Digest*, Julho, 1942).

"A contribuição mais vital à defesa nacional hemisférica deve proceder do que poderíamos chamar Pan-americanismo Espiritual. Tanto na América Central como na do Sul, apesar de alguns tropeços e falhas, *a cultura predominante é a católica*. Este fundamento religioso, considerado apropriadamente, pode servir à unidade dos espíritos e corações... Uma amizade que reconheça e aprecie o elemento espiritual terá calorosa acolhida" J. F. Thorning, in *The Sing*, Abril de 1941).

A Nova Ordem Cristã que todos pressentimos aproximar-se, surgirá da franca compreensão mútua,



tradicional em terras da América. *Intransigentes em questões de princípios*, os católicos devemos, em defesa das mais sagradas tradições, nortear-nos por tolerância sensata e prudente em face das pessoas que professam a heresia. Converter-se-ão em chusma, se também quanto a nós tiverem de exclamar pasmados: "Vede como se amam!" Ao exemplo do amor, à bondade não afetada cedem os mais empedernidos intelectualistas, embora protestem orgulhosos dar o braço a torcer exclusivamente à força de argumentos. *A caridade* foi sempre a mais eficiente arma da Igreja e o canal predileto da graça divina. Reconhecem-no os mundanos, os nossos emancipados "católicos não-militantes", e os próprios adversários da Igreja no seu grande ardor em plagiar a Caridade cristã, substituindo-a por uma filantropia sentimental, chocha e indisfarçavelmente interesseira, haja vista os "chás dançantes de caridade" e os métodos propagandísticos dos centros espíritas.

### *A difusão da Bíblia no Brasil.*

Escancaram as fauces a tragar nossas sagradas instituições tradicionais duas feras apocalípticas: o Protestantismo e o Espiritismo. Ambos, geralmente hostis entre si, não recusam os favores da Maçonaria; é intuitivo que esta, dada a sua finalidade, ampare todas as forças que impugnam a Igreja. Diga-se de passagem, para prevenção dos católicos, que o *Rotary-Club*, importado ultimamente, continua ainda suspeito, como suspeito é, enquanto se subtrai à vigilância da Igreja e prega um naturalismo perigoso. Mas tornemos ao assunto.

O *Protestantismo*, pseudo-defensor da Bíblia, repisando as já célebres acusações falsas contra a Igreja, angaria prosélitos por meios reprováveis, visto



abusar astutamente da ingenuidade de nosso povo. Entre outras calúnias, proclama aos quatro ventos que a Igreja é inimiga das Escrituras. Um meio eficiente de imunizar os fiéis contra estas invectivas injustas é indubitavelmente a difusão da Bíblia Católica.

O *Espiritismo*, inimigo declarado ou rebuçado da Bíblia, é então a chaga mais ignominiosa à nossa cultura perante o mundo, mesmo quando o apelidam bombasticamente de “alto espiritismo” ou “espiritismo científico”, para se furtarem às leis do País. O ocultismo e sua prática, já há centenas de anos banido das nações européias como sumamente nocivo à vida social e ao indivíduo, prolifera aqui já como ciência útil à vida, já como religião, e até tem aceitação nas rodas altas. *O tempora, o mores!*

Entende-se que o Espiritismo rejeite a Revelação bíblica, pois que tem as forças ocultas da natureza na conta de revelação divina ou revelação de espíritos. A Sagrada Escritura será eternamente a condenação formal do Espiritismo, *fornecendo aos homens a verdadeira Revelação divina como o único caminho para a salvação e felicidade, e inserindo em suas páginas proibição grave da prática de qualquer espécie de ocultismo*. Deus mesmo revelou e prescreveu aos homens o Caminho da Salvação; esta vem de Deus e não pode adquirir-se por meios e forças naturais, ou por inventos dos caprichos humanos, tão limitados quão falíveis.

A difusão da Bíblia Católica é, consequentemente, poderosa e eficaz arma de combate ao *Protestantismo intruso* e ao *Espiritismo degradante*.

São frutos da leitura bíblica, humilde e perseverante: o conhecimento mais perfeito de Jesus Cristo, um amor mais ardoroso a Jesus e concomitantemente a sua Santíssima Mãe, maior convicção de



fé, recepção mais frutuosa dos Sacramentos, devoção e piedade menos sentimentais e mais verdadeiras, melhor compreensão da Liturgia, fidelidade inabalável à Santa Sé e à Igreja, *união mais consciente ao Corpo Místico de Jesus Cristo*, em suma um catolicismo mais esclarecido e mais interior. Por consequência a divulgação da Bíblia Católica contribui para o reflorescimento do espírito cristão e das tradições católicas, intensificação da vida religiosa na sociedade, neutralização das atividades subterrâneas dos hereges e inimigos da Santa Religião.

Sem dúvida, são riquíssimas as vantagens provenientes da difusão da Bíblia, naturalmente efetuada sob a vigilância e orientação do colendo Episcopado. As Santas Escrituras concorrem sensivelmente para implantar o *Reinado Espiritual de Jesus Cristo* no Universo e sujeitar a seu Cetro de Justiça e Caridade a civilização moderna.

*Beata gens, cuius est Dominus Deus ejus.*

“Feliz a Nação, que tem por Soberano a seu Deus”.  
(Sl 32. 12).



## APÊNDICE

Julgamos oportuno juntar ao nosso trabalho um capítulo sobre as versões portuguesas da Bíblia. Para isso consultamos o *Dictionnaire de la Bible* de F. Vigoroux (1912, Vol. V, col. 559-569), onde encontramos copiosas informações sobre o assunto; a estas acrescentamos o que nos foi dado colher acerca das traduções posteriores.

A fim de se obter um conspecto geral deste estudo, faz-se mister distinguir os seguintes quatro períodos.

*Período de improdução:* 1100-1300. — Pelos fins do século XI começa a constituir-se a nacionalidade portuguesa. O Clero e os Nobres falam a língua latina, como ainda nos séculos subsequentes; versões da Bíblia conhecidas e usadas só podiam ser manuscritos em espanhol ou em outra língua estrangeira.

*Período de experiências:* 1300-1550. — E' do reinado de D. Dinis (1261-1325), sexto Rei de Portugal, que datam as primeiras traduções portuguesas do texto sagrado. Realizam-se, neste período, traduções de um ou outro livro inspirado e de trechos das Escrituras, p. ex., as epístolas e evangelhos do Missal; delas algumas foram impressas, outras se conservaram como manuscritos.

*Período de suspensão:* 1550-1750. — A vista da assustadora multiplicação de seitas e heresias em virtude do falso princípio protestante da interpre-



tação individual ou "livre exame", para conjurar tão nefasto mal o Santo Padre Pio IV viu-se forçado a interdizer a leitura das versões do texto bíblico sem a prévia licença do Bispo ou do Inquisidor (24 de Março de 1564). Daí se explica rarearem neste período as versões, aumentando, porém, consideravelmente os comentários em latim do texto sagrado; entre tais comentários se contam grandes figuras das letras portuguesas: Bartolomeu dos Mártires, Bernardo de Brito, Francisco Foreiro, Heitor Pinto, João de Lucena, Manuel de Sá, Antônio Vieira, Francisco de Mendonça e outros.

Os hereges interpretaram a sensata ordem papal por sinal de fraqueza e *concentraram todos os esforços na difusão da Bíblia traduzida*, mancha essa que se inoculou na medula do Protestantismo, caracterizando-o até nossos dias. Acharam um instrumento talhado para seus intentos num apóstata do século XVII, João Ferreira A. de Almeida, que se tornara ministro calvinista em Holanda. Quanto ao valor literário da tradução efetuada por Almeida, diz Ribeiro dos Santos (in *Memória de algumas traduções bíblicas*, col. 560) que é defeituosa no respeitante à gramática, contendo frases e construções alheias ao sabor da língua nacional e locuções e idiotismos próprios do país onde residia; quanto a fidelidade desta tradução depõe entre outros o Arcebispo da Baía, D. Manuel Joaquim da Silveira, em carta pastoral de 1862 que publicou para premunir seus diocesanos "contra as adulterações e mutilações da Bíblia traduzida em português pelo "Padre" J. F. A. de Almeida".

*Período de atividade:* 1750-1943. — Nova disposição do Papa Bento XIV, de 1757, permite aos fiéis a leitura de versões em vernáculo, conquanto fossem acompanhadas de notas elucidativas dos Santos Pa-



dres e de sábios católicos e aprovadas pela Santa Sé. Decorridos poucos anos vêm à luz, quase ao mesmo tempo, duas versões da Bíblia em Portugal: a de Francisco de Jesus Maria Sarmiento (1713-1790), a qual não conseguiu maior divulgação por entremear no texto longos comentários; e a outra do exímio latinista e teólogo *Pe. Antônio Pereira de Figueiredo* (1725-1797) — esta vingou, chegando a constituir o texto tradicional nos meios católicos para as seguintes edições da Bíblia portuguesa até ao dia presente.

O carácter clássico da versão de Figueiredo é reconhecido e comprovado sobejamente pelo fato de estar incluído no Catálogo dos livros a consultar para continuação do Dicionário da Língua Portuguesa, publicado por ordem da Academia Real das Ciências de Lisboa. Infelizmente, o Autor, *Pe. A. de Figueiredo*, se deixou levar pelas fortes correntes das idéias regalistas de seu tempo; defendeu-se em vários escritos, em latim e em português, e, condenado pela Santa Sé, não se retratou.

Após este conspecto geral, passemos a consignar, em ordem cronológica, as diferentes versões bíblicas ao idioma português.

Reconhecemos as falhas do presente Apêndice, dados os precários informes que tivemos à mão e o intento de sermos concisos. Omitimos as Concordâncias ou Harmonias dos Evangelhos e os vários Compendios de Bíblias Escolares. Também não levamos em consideração edições das Sociedades Bíblicas Protestantes; ultimamente publicaram diversas edições truncadas da versão de Figueiredo, *eliminando dela maldosamente os livros deuterocanônicos do Antigo Testamento*, sem advertência alguma ao leitor, bem como as introduções e notas do mesmo *Pe. Figueiredo*. A telma destes ministros improvisados do



Evangelho de mutilar arbitrariamente o Livro Santo, já focamos em diversos lugares deste opúsculo.

1520. **Alcobaca.** Atos dos Apóstolos e História abreviada do Antigo Testamento, pelos monges do Mosteiro de Alcobaca. (Merecem menção por se tratar do mais antigo documento de tradução bíblica em português).

1681. **Holanda.** Novo Testamento, de Almeida; impressão inçada de erros tipográficos por ser o revisor pouco versado em português. A 2.<sup>a</sup> edição, em 1693, saiu em Batávia da ilha de Java e foi revista por Theodorus Zas e Jacobus op den Akker; a 3.<sup>a</sup> em Amsterdão, 1712; a 4.<sup>a</sup> em Tranquebar, 1760; a 5.<sup>a</sup> em Batávia, 1773.

1738. **Tranquebar e**

1748. **Batávia.** Os livros históricos do Antigo Testamento, de Almeida.

1753. **Batávia.** Os restantes livros do Antigo Testamento, por João Ferreira A. de Almeida e Jacobo op den Akker. (A tradução de Almeida foi desde então, total ou parcialmente, reimpressa várias vezes pelas Sociedades Bíblicas).

1777-85. **Lisboa.** O Antigo Testamento sob o título "História Evangélica", por Francisco de Jesus Maria Sarmento. (Reeditado no Porto, sem o texto latino, em 1867-69).

1778-85. **Lisboa.** O Antigo Testamento sob o título "História Bíblica", pelo mesmo. (Reeditado no Porto, sem o texto latino, em 1864-67).

1778. **Lisboa.** Novo Testamento pelo Pe. Antônio Pereira de Figueiredo, impresso na Régia Oficina Tipográfica.

1782. **Lisboa.** Os Salmos, em dois volumes, pelo mesmo e impressos na mesma Oficina.

1783-90. **Lisboa.** Gênesis e os demais livros do Antigo Testamento, pelo mesmo e estampados na mesma Oficina.

1791-1803. **Lisboa.** A 2.<sup>a</sup> edição do Antigo Testamento de Figueiredo, estampada na sobredita Régia Oficina Tipográfica.

1803-05. **Lisboa.** A 2.<sup>a</sup> edição do Novo Testamento de Figueiredo, impressa por Simão Tadeu Ferreira.

1794-1819. **Lisboa.** A 3.<sup>a</sup> edição da Bíblia Completa de Figueiredo, impressa por Simão Tadeu Ferreira e dedicada ao Príncipe do Brasil, D. João; em duas colunas, latim e português.

1845-47. **Maranhão.** Novo Testamento, por D. Fr. Joaquim de Nossa Senhora de Nazaré, Bispo de Maranhão e



- posteriormente de Coimbra. Teve uma segunda edição, sem o texto latino, em Lisboa, 1875.
- 1852-53. Lisboa.** Reimprime-se a 3.<sup>a</sup> edição de Figueiredo pela "Biblioteca Econômica", sob a direção de Eduardo de Faria, autor de um dicionário português.
- 1854-57. Lisboa.** Idem, pela Livraria Popular e Histórica de Lisboa, sob os auspícios do Cardeal Patriarca.
- 1864. Rio de Janeiro.** Idem, omitindo o texto latino, pela Livraria B. L. Garnier; esta edição foi aprovada pelo Arcebispo da Baía, então Metropolitano do Brasil.
- 1879. Rio de Janeiro.** Novo Testamento, traduzido do original grego. (Não contém outras indicações e parece basear-se na versão de Almeida).
- 1881. Rio de Janeiro.** 2.<sup>a</sup> edição da Bíblia Sagrada pela Livraria B. L. Garnier.
- 1895. Porto.** "Bíblia Popular Ilustrada", por Drioux, tradução de Paiva Pona; texto entremeado de comentários.
- 1902-04. Lisboa.** "Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento", versão de Figueiredo, comentários e anotações do Rev. Bacharel Manuel José dos Santos Farinha; publicada pela sociedade editora Empresa da História de Portugal.
- 1902. Baía.** Os livros do Novo Testamento, por Mons. Dr. José Basílio Pereira, editado em dois formatos pelos Religiosos Franciscanos, em 1902 e nos anos seguintes. Foram reimpressos várias vezes, assim em 1909-12 na Tipografia de São Francisco da Baía e em 1923 na Tipografia de Frederico Pustet (Ratisbona, Alemanha).
- 1905. Rio de Janeiro.** Os Santos Evangelhos e os Atos dos Apóstolos, por um Padre da Missão (Pe. Pedro Maria Booz); Colégio da Imaculada Conceição, Botafogo.
- 1909. Lisboa.** Evangelho segundo São Mateus, pelo Padre Santana.
- 1912-13. Rio de Janeiro.** Os quatro Evangelhos, pelo Pe. José de Sena Freitas; Tipografia do Jornal do Comércio.
- 1915. Porto.** "Novo Testamento" (em partes), pelo Dr. Joaquim Luís de Assunção, diretor da Associação de S. Francisco de Sales.
- 1922. Baía.** "Os Salmos" e "O Livro de Job", por Mons. Dr. José Basílio Pereira, estampados na Tipografia de S. Francisco dos Religiosos Franciscanos.
- 1932. Rio de Janeiro.** Bíblia Sagrada. Contendo o Velho e o Novo Testamento, versão do Pe. Antônio Pereira de Figueiredo; edição popular da Livraria Católica (Rua Ro-



- drigo Silva, 7), em fascículos; os primeiros vinham aparecendo em 1932.
1932. **Porto.** Bíblia Sagrada, traduzida e comentada pelo Pe. Matos Soares.
1934. **Petrópolis.** Novo Testamento, traduzido de versão crítica alemã (Pe. Rösch O. F. M. Cap.), pelo Pe. Huberto Rohden; teve nos anos seguintes várias edições, no Rio.
1935. **São Paulo.** Evangelhos e Atos do já mencionado D. Fr. Joaquim de Nossa Senhora Nazaré edição da Pia Sociedade de São Paulo.
1938. **Baía.** Edição esmerada do Novo Testamento de Mons. José Basílio Pereira, publicada pelos Religiosos Franciscanos; Tipografia de S. Francisco, Baía; em volume e em fascículos.
1939. **Petrópolis.** Novo Testamento, edição da Editora Vozes Ltda., feita sob a direção de Frei João José Pedreira de Castro O. F. M.
1941. Os Santos Evangelhos, pelo Pe. Álvaro Negromonte. 2.<sup>a</sup> edição em 1943.
1941. **Baía.** Novo Testamento, em dois volumes, pelo Pe. Frei Damião Klein O. F. M., latim e português; Tipografia de S. Francisco.
1942. **Petrópolis.** A 3.<sup>a</sup> edição (melhorada) do Novo Testamento da Editora Vozes Ltda.
1943. **São Paulo.** Bíblia Sagrada, editada pela Pia Sociedade de São Paulo.
1944. **Petrópolis.** Os Santos Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Editora Vozes Ltda. Edição popular de 50 milheiros, de Fr. João José P. de Castro O. F. M. 2.<sup>a</sup> edição de outros 50.000 em 1949.
1950. **Petrópolis.** A 4.<sup>a</sup> Edição do Novo Testamento.



## ÍNDICE

### INTRODUÇÃO

Exemplo típico de sedução .....	1
Considerações ao caso .....	7

### CAPÍTULO I

#### A BÍBLIA NA IGREJA CATÓLICA

1. Doutrina católica acerca da Bíblia .....	9
A Revelação divina transmitida até nós .....	10
A fonte total da Fé: Tradição divina .....	12
As duas fontes parciais da Fé: Bíblia e Tradição .....	15
Insuficiência da Bíblia e Tradição para norma suprema da Fé .....	18
2. A Bíblia é patrimônio da Igreja Católica .....	20
O Magistério legal é norma suprema da Fé .....	20
O Magistério eclesiástico é infalível .....	23
Só a Igreja possui a Bíblia genuína .....	27
A Bíblia é propriedade da Igreja Apostólica .....	29
3. A Bíblia ocupa lugar de honra na Igreja .....	31
A Bíblia é na Igreja Manual de Pregação .....	32
A Bíblia é o Livro de Oração dos católicos .....	35
A Igreja promove o estudo das Escrituras .....	36
A Igreja vela pela integridade da Bíblia .....	41

### CAPÍTULO II

#### A BÍBLIA NO PROTESTANTISMO

A Bíblia sujeita aos caprichos humanos .....	44
A própria Bíblia condena o protestantismo .....	46
Incoerência palpável do protestantismo .....	51
A voz serena da História .....	54

### CONCLUSÃO

O Brasil e o protestantismo .....	57
A difusão da Bíblia no Brasil .....	61
APÊNDICE .....	64



## **Biblioteca Apologética**

*Em boa hora a Editora Vozes resolveu lançar esta série de opúsculos de apologética popular, oferecendo assim armas de fácil manejo para combate às heresias que procuram infiltrar-se em nosso meio. São os seguintes os volumes já publicados:*

**VOL. 1 — OS PENTECOSTAIS CONSPIRAM CONTRA A BÍBLIA,**

pelo P. Florêncio Dubois, Barnabita.

**VOL. 2 — O CATÓLICO PERANTE A BÍBLIA,**

por Frei Adauto de Palmas O. F. M.

**VOL. 3 — OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA,**

pelo P. Aristides Taciano.

**VOL. 4 — PRO E CONTRA,**

por A. M. Lescure.

**VOL. 5 — O EX-BISPO DE MAURA E O BOM SENSO,**

pelo P. Florêncio Dubois, Barnabita.

**VOL. 6 — A ILUSÃO ESPÍRITA,**

por Ramos de Oliveira.

**VOL. 7 — APOLOGÉTICA POPULAR,**

pelo Pe. Cipriano Alvares.

**VOL. 8 — O PROCESSO DO ARCEBISPO DE ZAGREB,**

por Fiorello Cavalli S. J.

**VOL. 9 — DEUS EXISTE?**

por John A. O'Brien



**EDITORIA VOZES LIMITADA**

CAIXA POSTAL, 23 — PETRÓPOLIS, R. J.

---

Palavra telegráfica deste volume (Certo) Broch.